



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Sociologia

Área de especialização | Recursos Humanos

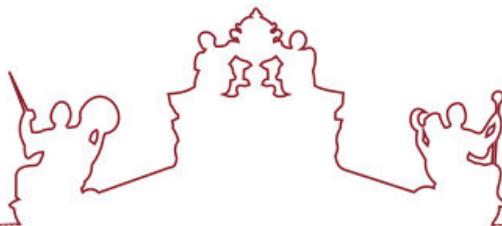
Dissertação

Uma pandemia que infetou a fé? Um estudo sociológico sobre os impactos da COVID-19 nas igrejas evangélicas baptistas em Portugal

Joel Valador Ligeiro

Orientador(es) | Bruno Dionísio

Évora 2025



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Sociologia

Área de especialização | Recursos Humanos

Dissertação

Uma pandemia que infetou a fé? Um estudo sociológico sobre os impactos da COVID-19 nas igrejas evangélicas baptistas em Portugal

Joel Valador Ligeiro

Orientador(es) | Bruno Dionísio

Évora 2025



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Rosalina Pisco Costa (Universidade de Évora)

Vogais | Bruno Dionísio (Universidade de Évora)
César Pinheiro Teixeira (Universidade Vila Velha) (Arguente)

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	5
Palavras-Chave	5
Abstract.....	6
Keywords.....	6
Introdução.....	7
Enquadramento teórico-conceptual	8
O início da pandemia	9
A religião aos olhos da sociologia	13
Futuro e passado	15
Origem da denominação Baptista em Portugal.....	17
Algumas características das igrejas Evangélicas Baptistas	19
O sagrado passou a virtual. E agora?.....	21
Temor e tremor	22
Metodologia.....	27
Análise dos dados	31
A voz dos líderes.....	31
Descrição das igrejas e pastores.....	32
Antes da pandemia.....	33
Durante o tempo pandémico	35
Pós-Covid.....	43
Conclusão	53
Referências bibliográficas	56
Anexos.....	60

Índice de anexos

Anexo 1- Artigo 283º Código Penal – Carta-Circular.....	60
Anexo 2 - Carta-Circular enviada pela CBP sobre primeiro confinamento	61
Anexo 3 – Carta-circular enviada pela CBP sobre a reabertura das instalações	62
Anexo 4 – Convocatória para a 90ª Assembleia geral da CBP com as condições pandémicas	64
Anexo 5 – Informação nas redes sociais sobre a realização dos serviços religiosos em tempos de confinamento.....	65
Anexo 6 - Informação nas redes sociais sobre o 2º confinamento	66
Anexo 7 - Informação nas redes sociais sobre a realização sobre pequena reuniões em Zoom.....	67
Anexo 8 – Informação da mudança da transmissão para zoom.	68
Anexo 9 – Post nas redes sociais sobre o impacto do Covid na religião.....	69
Anexo 10 – Informação para o regresso aos cultos presenciais após confinamento.....	70
Anexo 11 – Ata conselho de ministros 29 Setembro 2021	73
Anexo 12 – Sumário conselho de ministros 29 Setembro 2021	75
Anexo 13-Comunicado AEP - Novas Medidas Estado de Emergência	78
Anexo 14- Comunicado AEP sobre novas restrições.....	80
Anexo 15- Comunicado do Conselho de Ministros de 19 de março de 2020	83
Anexo 16 - Comunicado sobre o Estado de Alerta	85
Anexo 17 - Coronavírus - Recomendações_Palavras do Presidente da AEP.....	87
Anexo 18- Covid-19_ Aliança Evangélica e Igreja Lusitana apontam medidas de proteção nas cerimónias de culto.....	89
Anexo 19 - COVID19 Recomendação da AEP espaços de culto.....	92
Anexo 20 - Estado de Emergência como devem as igrejas atuar nos 191 concelhos em confinamento	94
Anexo 21 - Igreja sem alterações às respetivas normas de segurança da DGS.....	97
Anexo 22 - Portugal em Estado de Calamidade - Aliança Evangélica Portuguesa.....	100
Anexo 23 - Tomada de Posição da AEP sobre uso de máscara e proibição de deslocação entre concelhos	102
Anexo 24 - Quadro de recolha de dados.....	105
Anexo 25 - Guião Semiestruturado de entrevista.....	106

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus pela oportunidade que tive de puder alcançar metas que até há pouco tempo achava impossíveis, agradecer porque colocou pessoas nesta universidade que me desafiaram e me fizeram querer ir mais longe, agradecer porque mesmo não tendo sido os melhores tempos, nunca me senti sozinho ou abandonado.

Gostava de agradecer à Universidade de Évora e ao departamento de Sociologia por criarem ambiente propício à aprendizagem e corpo docente apto para a realização dos meus estudos e conclusão dos mesmos.

Um agradecimento especial ao professor Bruno Dionisio que, desde o meu primeiro ano de licenciatura, já sabia que eu o queria como meu orientador e que, mesmo sem saber sempre foi um exemplo de professor e investigador para mim.

Um agradecimento muito especial à minha família, começando pela minha esposa Abigail Varandas Ligeiro, que sempre me acompanhou desde o primeiro dia na universidade e sempre me deu as palavras mais indicadas nos momentos mais complicados e também a sua presença nos momentos mais felizes. Aos meus pais, que por mesmo tendo decidido regressar ao estudo aos 27 anos nunca meteram quaisquer barreiras e sempre estiveram interessados no meu desempenho, apoiando-me com palavras, ações e orações. Aos meus irmãos e cônjuges, David e Débora, Daniel e Ana, que sempre se lembravam de perguntar e questionar não só como estava o meu percurso académico, mas também informações sobre as áreas de estudo e tópicos que eu estava a estudar. Agradeço em especial à minha irmã Rute Conrado que, tal como eu, voltou aos estudos “mais tarde” e sabe bem os desafios que existem, sempre tendo palavras de encorajamento e de amor para me transmitir. Ao meu cunhado Sérgio Conrado que sempre esteve presente na minha vida como um irmão e é das pessoas mais carinhosas que conheço.

À minha “segunda” família, pessoas que não são ligadas a mim por sangue, mas são tão chegados como tal. Leonel Corado, meu colega de quarto e melhor amigo de sempre, a pessoa que mais horas passou comigo durante o meu tempo na Universidade, com quem partilhei as melhores gargalhadas, melhores momentos, festejos académicos, momentos difíceis e até momentos em que escrevemos a dissertação juntos, pois ambos acabámos o nosso percurso no mesmo ano. Dr. Gabriel Souza, Priscila Souza e Rebeca Souza, são as

peessoas que nunca deixaram de acreditar no meu percurso e me acompanharam de perto como “amigos mais chegados que um irmão”.

Agradecer à minha família acadêmica de Évora, o meu querido “Avô” Pedro dos Santos que tanto em ajudou nas mais diversas áreas, estudos, voluntariados, conhecimentos e muito mais. Aos meus afilhados, Filipe Tire-Picos e Cláudia Macarrão que sempre foram os que estiveram perto de mim e sempre se preocuparam comigo e com o meu percurso.

Agradecer por fim à CBP e aos respetivos pastores pela colaboração nesta dissertação e todo o interesse mostrado. Todas as chamadas, mensagens e conversas que fizeram com que este tema surgisse e fosse explorado.

Resumo

Uma pandemia que infetou a fé?

A pandemia de Covid-19, que teve início em 2019, rapidamente ultrapassou fronteiras, afetando países ao redor do mundo de maneira imprevisível e atingindo não apenas hospitais e residências, mas também lares e igrejas. Diante desse cenário, surgiu a minha principal questão de investigação: "Qual foi o impacto da pandemia nas igrejas evangélicas baptistas em Portugal?" Embora essa seja a questão central que orienta este estudo, outras interrogações complementares também serão abordadas, tal como: "Que mudanças a igreja passou durante o covid?", "O que se manteve após covid?" ou por exemplo, "Que ministérios nasceram, cresceram ou que desapareceram graças ao covid e aos confinamentos?".

A investigação foi conduzida com base em entrevistas guiadas por um roteiro semiestruturado, permitindo uma análise das experiências dos líderes religiosos durante a pandemia. Além disso, a pesquisa procurou comparar as expectativas iniciais desses líderes em relação ao que ocorreria com suas congregações e comunidades, com o que efetivamente se concretizou ao longo e após o período pandémico. O foco recai sobre as mudanças ocorridas antes, durante e após a pandemia, explorando como esse evento global afetou as dinâmicas das igrejas evangélicas baptistas e suas comunidades.

Por fim, nos resultados, o objetivo é apresentar de forma clara as implicações sociais para as comunidades religiosas observadas nessas comunidades religiosas, destacando os fenómenos que emergiram e suas consequências no contexto da pandemia, consequências como mudanças de horários, compromisso dos fiéis perante a igreja, ministérios novos ou reavivados.

Palavras-Chave

Covid-19; igreja; líderes; pandemia; rituais religiosos

Abstract

A pandemic that infected faith?

The COVID-19 pandemic, which began in 2019, quickly crossed borders, affecting countries around the world in unpredictable ways, impacting not only hospitals and homes but also households and churches. In light of this scenario, my main research question emerged: "What was the impact of the pandemic on Baptist evangelical churches in Portugal?" While this is the central question guiding this study, other complementary inquiries will also be addressed, such as, "What changes did the church undergo during COVID?", "What remained after COVID?", or for example, "Which ministries were born, grew, or disappeared because of COVID and the lockdowns?"

The investigation was conducted based on interviews guided by a semi-structured script, allowing for an analysis of the experiences of religious leaders during the pandemic. Additionally, the research sought to compare these leaders' initial expectations regarding what would happen to their congregations and communities with what actually materialized during and after the pandemic period. The focus is on the changes that occurred before, during, and after the pandemic, exploring how this global event affected the dynamics of Baptist evangelical churches and their communities.

Finally, in the results, the goal is to clearly and rigorously present the social implications observed in these religious communities, highlighting the phenomena that emerged and their consequences in the context of the pandemic, such as changes in service schedules, the commitment of church members, and new or revived ministries.

Keywords

Covid-19; church; leaders; pandemic; religious rituals

Introdução

A pandemia da Covid-19 trouxe desafios sem precedentes para diversas esferas da sociedade, incluindo as instituições religiosas. As igrejas, que historicamente têm desempenhado um papel crucial no apoio emocional, espiritual e social das comunidades, viram-se forçadas a fechar as suas portas durante os períodos de confinamento. No entanto, a responsabilidade de guiar, ensinar e oferecer suporte às suas congregações permaneceu, recaindo diretamente sobre os líderes religiosos. Estes, por sua vez, tiveram de enfrentar novas e inesperadas pressões, desde a aprendizagem e utilização de tecnologias digitais para manter uma conexão virtual com os fiéis, até o gerenciamento do impacto psicológico e emocional do isolamento.

Para muitos desses líderes, especialmente os de idade avançada, a adaptação às novas exigências digitais não foi fácil. Além disso, pouco se tem discutido sobre o apoio – ou a falta dele – que estes líderes receberam ao longo desse período. Até que ponto foram ouvidos, auxiliados ou até compreendidos em suas dificuldades pessoais e na pressão de manter a coesão social em tempos de distanciamento? Ao pensar-se em líderes religiosos, frequentemente associa-se a ideia de alguém com soluções prontas, mas raramente se reflete sobre as adversidades que eles próprios enfrentaram durante a pandemia.

O presente estudo visa investigar como esses líderes religiosos lidaram com a crise pandémica, especialmente no contexto do confinamento e da subsequente reabertura das igrejas. Será analisada a forma como as igrejas, através dos seus líderes, transitaram do ambiente físico para o virtual e, posteriormente, de volta ao presencial, num esforço de continuar a proporcionar apoio espiritual e comunitário. Este trabalho também busca preencher uma lacuna teórica, já que a literatura disponível sobre o impacto da Covid-19 nas religiões é escassa, com a maioria dos estudos focados em pandemias anteriores ou em aspetos rituais e celebrativos, sem abordar diretamente o papel dos líderes religiosos neste cenário.

Desta forma, ao ouvir as vozes dos próprios líderes sobre como enfrentaram a pandemia, espera-se não só compreender melhor os desafios que enfrentaram, mas também contribuir para o debate sobre a resiliência institucional em tempos de crise e as adaptações necessárias para o futuro das práticas religiosas.

Enquadramento teórico-conceitual

Para poder realizar um enquadramento teórico-conceitual correto é necessário definir alguns dos conceitos que serão usados. Conceitos como religião e pandemia são importantes serem definidos a partir de documentos/dicionários sociológicos para podermos ter uma visão sociológica sobre os mesmos. Então, quando nos referimos a religião, o que a descreve é “Tal como todas as instituições sociais, religião é definida sociologicamente pelas funções que desempenha em sistemas sociais. De modo geral, é um arranjo social construído para prover uma maneira compartilhada, coletiva, de lidar com aspetos desconhecidos e incognoscíveis da vida humana, com os mistérios da vida, morte e existência, e com os dolorosos dilemas que surgem no processo de tomar decisões de natureza moral. Como tal, a religião fornece não só respostas a duradouros problemas e perguntas humanos, mas forma também uma das bases da coesão e da religião solidariedade sociais.” (Johnson, 1995, p. 196). Como podemos ver na descrição, religião é descrita como uma instituição social, ou seja, as suas funções são o que a descreve. Então, quando falamos sobre religião estamos a observar uma instituição, sabendo que existem muitas religiões, o foco foi só na religião evangélica e denominação baptista em Portugal. Segundo Peter Berger “Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento” (Berger, 1995, p. 15). É também importante definir as diferenças entre religião e espiritualidade, sendo que, como já referido, religião é uma instituição, algo que necessita de várias pessoas e organização para que a palavra “religião” tenha significado, já espiritualidade é algo individual, algo que cada pessoa pode sentir sozinha. Isto é explicado por Zerbetto quando afirma que a espiritualidade “consiste em uma relação pessoal com o objeto transcendente (Deus ou Poder Superior), o metafísico, em que a pessoa busca significados e propósitos fundamentais da vida e que pode ou não envolver a religião” (Zerbetto, 2017, p. 3). Muitas vezes, havendo dificuldade em separar a religião da espiritualidade individual acaba-se por criar dúvidas e questões que muitas pessoas não sabem responder. A obrigatoriedade do isolamento dos fiéis acabou por forçar as pessoas a aprender a distinção entre os dois termos, forçou os crentes a compreender que por situações mais fortes que as igrejas/instituições, a espiritualidade individual teve de ser posta em prática. Claro que os serviços em grupo em modo virtual continuavam a acontecer, mas o hábito estava quebrado, o que era comum e regular passou a ser proibido e o que era incomum (serviços religiosos online/virtual) começou a ser regularizado. Estes serviços, para manter a unidade religiosa, foram feitos das mais diversas maneiras, sejam

transmissões online, mensagens, emails ou mesmo serviços religiosos via aplicações como zoom e outros. Todos eles tinham os seus prós e contras, mas a realidade é que o esforço dos líderes religiosos acabou por compensar no apoio a muitos crentes, especialmente os que mais se encontravam a sofrer com o distanciamento social graças à pandemia, algo que vai ser falado mais adiante.

O início da pandemia

A pandemia Covid-19 começou em dezembro de 2019 na China, numa cidade chamada Wuhan. Esta pandemia estava associada a uma feira/mercado onde se comercializava mariscos e animais selvagens vivos para consumo humano. Dentro destes animais encontravam-se morcegos e pangolins, que provavelmente foram os intermediários da transmissão desta nova doença para os seres humanos. O Covid-19 é um coronavírus chamado de SARS-COV-2, um vírus que já entre 2002 e 2003 tinha gerado um pequeno surto, mas que não se expandiu para o mundo inteiro como em 2019. Este vírus é transmitido de forma Zoonótica, ou seja, o vírus é passado de animais para humanos. Ainda não existe ainda uma certeza do animal que originou esta transmissão para humanos, mas os cientistas acreditam que tenha origem no consumo dos morcegos comercializados no mercado em Wuhan.

Na cidade de Wuhan, no fim do ano de 2019, começou a surgir um número incomum de casos de pneumonia o que começou a chamar a atenção das autoridades chinesas. No último dia do ano de 2019 a China admite que está a haver um surto de uma nova doença respiratória. Esta doença só foi sequenciada pelos cientistas chineses no mês de janeiro em 2020. Foi no dia 11 de março em 2020 que a OMS declara o COVID-19 como pandemia global.

Em Portugal o COVID-19 chega oficialmente a 2 de março de 2020. A partir desta data Portugal passou por várias ondas de infeção e os mais diversos impactos sociais e económicos que vieram a afetar o SNS (Sistema Nacional de Saúde). Os acontecimentos chave do COVID-19 em Portugal foram os seguintes:

1. Primeiros Casos (Março 2020)

- 2 de março de 2020: Os dois primeiros casos de COVID-19 foram confirmados. Um deles havia regressado de Itália e o outro de Espanha, ambos países severamente afetados.

- O governo rapidamente implementou medidas para conter a propagação, incluindo a suspensão de eventos e o encerramento de escolas.

2. Estado de Emergência e Confinamento (Março 2020)

- 18 de março de 2020: Portugal declarou o Estado de Emergência pela primeira vez, introduzindo um confinamento geral. Foram impostas restrições de circulação, e a maioria dos serviços não essenciais foram encerrados.

- O confinamento teve impacto na economia, mas foi uma medida essencial para controlar a propagação do vírus.

- Abril 2020: O número de casos estabilizou e o pico da primeira vaga foi atingido. O sistema nacional de saúde, embora sob pressão, não colapsou.

3. Reabertura Gradual (Maio 2020)

- A partir de maio de 2020, o governo começou a aliviar as restrições de forma gradual. Negócios como restaurantes e lojas reabriram com limitações, e a vida começou a voltar a um estado de nova normalidade, com uso obrigatório de máscaras em espaços públicos fechados.

- Houve uma estratégia de "desconfinamento em fases", com avaliações periódicas da situação epidemiológica.

4. Segunda Vaga (Outono 2020)

- Outubro/Novembro de 2020: Portugal, como grande parte da Europa, sofreu uma segunda vaga de infeções, com um aumento significativo de casos diários.

- Medidas restritivas foram reintroduzidas, como o recolher obrigatório em algumas zonas, e as reuniões sociais foram limitadas.

- A pressão sobre os hospitais voltou a aumentar.

5. Vacinação (Início em Dezembro de 2020)

- 27 de dezembro de 2020: Portugal iniciou a campanha de vacinação, começando pelos grupos prioritários, como profissionais de saúde e idosos em lares.

- Ao longo de 2021, o ritmo de vacinação acelerou, com a abertura gradual a toda a população.

- Verão de 2021: Portugal tornou-se um dos países da Europa com maior taxa de vacinação per capita.

6. Pico da Terceira Vaga e Crise (Janeiro 2021)

- Janeiro de 2021: Portugal enfrentou o seu período mais difícil da pandemia. Após o Natal, a terceira vaga atingiu níveis críticos, com milhares de novos casos e mortes diárias a atingir recordes.

- O sistema de saúde ficou à beira do colapso, e foram necessárias transferências de doentes para outros países europeus.

- 15 de janeiro de 2021: Um novo confinamento geral foi decretado, ainda mais rigoroso que o de março de 2020.

7. Alívio das Restrições (Verão e Outono de 2021)

- Com uma grande percentagem da população vacinada, o governo começou a aliviar as restrições, permitindo a reabertura de vários setores e o regresso gradual dos eventos.

- Em setembro de 2021, mais de 85% da população já estava totalmente vacinada.

8. Variante Ómicron e Medidas Adicionais (Inverno 2021-2022)

- No final de 2021, a variante Ómicron, altamente transmissível, chegou a Portugal, levando a um novo aumento de casos, embora com menor gravidade, devido à proteção proporcionada pelas vacinas.

- O governo voltou a adotar medidas como o teletrabalho obrigatório e o uso reforçado de máscaras.

9. Transição para Endemia e Retorno à Normalidade (2022-2023)

- Durante o ano de 2022, o foco das autoridades passou a ser a gestão da COVID-19 como uma doença endémica, semelhante à gripe.

- O uso de máscaras e outras restrições foram gradualmente levantados.

- O ritmo de vacinação com doses de reforço continuou, especialmente para os grupos mais vulneráveis.

10. Impacto Social e Económico

- Desemprego e falências de empresas aumentaram, especialmente no setor do turismo e restauração, um dos pilares da economia portuguesa.

- O governo implementou pacotes de ajuda económica, incluindo subsídios e moratórias para empréstimos.

- Educação: As escolas fecharam durante os confinamentos, e o ensino à distância foi implementado, com desafios para muitas famílias e estudantes.

- O setor de saúde também enfrentou desafios, com a necessidade de reforçar as infraestruturas hospitalares e o cansaço acumulado dos profissionais de saúde.

A religião aos olhos da sociologia

Em 1912, Émile Durkheim escreve o livro “As formas elementares da vida religiosa” onde praticamente dá origem à sociologia das religiões, criando conceitos importantes para essa mesma área. Para esta dissertação, o conceito que nos interessa criado nesse livro é o de “efervescência coletiva”. Este termo que Durkheim criou é usado para explicar um estado emocional intenso que ocorre quando indivíduos se reúnem em um grupo, compartilhando crenças e emoções de forma tão profunda que o coletivo parece transcender o indivíduo. (Weiss, 2012).

Compreende-se com a leitura do livro quatro aspectos relacionados com a efervescência coletiva:

1. Intensidade emocional: Durante momentos de efervescência coletiva, os indivíduos experimentam emoções que são amplificadas pela presença e interação com outros.
2. Solidariedade social: Esses momentos criam um forte sentimento de coesão e união entre os membros do grupo, reforçando o senso de identidade coletiva.
3. Rituais: A efervescência coletiva é frequentemente associada a rituais, cerimônias ou eventos sociais que canalizam essa energia emocional.
4. Renovação das crenças e valores: Durkheim argumenta que essas experiências fortalecem e renovam os valores e as normas da sociedade, uma vez que os indivíduos, ao vivenciarem a emoção coletiva, reafirmam seu compromisso com o grupo. (Weiss, 2012) (Durkheim, 2003).

Nesse contexto, o grupo experimenta uma espécie de entusiasmo ou excitação comum, que reforça a coesão social e as normas compartilhadas. Esse fenômeno é particularmente notado em contextos religiosos e ritualísticos, mas pode ser aplicado a outras situações de interação social intensa. Este conceito explica a conexão emocional que membros entre a mesma comunidade sentem, este fenômeno social é visto sociologicamente como o motor criador de mitos, crenças comuns e símbolos. Hoje sabemos que este termo não se aplica só às religiões, mas a tudo o que move as pessoas em grupos com identidades em comum, como manifestações, movimentos, organizações, clubes, entre outros.

Durkheim procura explicar o que é religião. O autor afirma que a religião pertence “[...] a uma ordem de coisas que ultrapassa o alcance de nosso entendimento [...]”, “[...] a

religião seria uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro.” (Durkheim, 2003, p. 5).

Raquel Weiss, socióloga especialista em Durkheim, refere que atualmente “o que vemos é que a religião passa a ser considerada o lugar privilegiado para se apreender a origem da moral e das categorias do pensamento, até mesmo do pensamento científico.” (Weiss, 2012, p.97)

Em 2012, ao analisar o livro de Durkheim, a autora afirma: “Como conclusão geral a esse respeito, afirma que têm importante função social (as religiões), na medida que garantem a formação de indivíduos aptos a agir de acordo com as crenças de sua religião, o que garante a coesão entre o grupo religioso que, na verdade, é um grupo social.” (Weiss, 2012, p.113).

Compreendemos com isto a crítica que Durkheim quer fazer às religiões e certos impactos que as mesmas podem ter na sociedade, mas também é preciso lembrar que a sua obra tem algumas críticas feitas por outros sociólogos, tal como Lukes em 1984, que faz exatamente um apanhado das críticas à obra de Durkheim, mas isso não o impede de elogiar a importância da obra “[...] apesar das muitas críticas que com razão se fizeram a essa obra, ela continua sendo uma das mais importantes e profundas contribuições à sociologia da religião” (Lukes, 1984, p. 382).

Futuro e passado

Se existe algo que desperta o interesse no tema é a comparação entre Futuro e Passado. Este interesse surge porque a comparação acaba por nos dar uma visão diferente e uma compreensão daquilo que vem. O passado nas igrejas acaba por ser extremamente doutrinal ou dogmático, as tradições e tudo o que é tradicional tem uma força e uma carga nas igrejas enorme. A tradição muitas vezes é definida pela história da organização, religião ou igreja, e essa história é carregada de aspetos positivos e negativos, e cada decisão que ocorreu na história desenhou aquilo que neste momento é a religião ou a igreja. Como estamos “culturalmente habituados”, mudar o que está na tradição é radicalmente difícil e por vezes até impossível, o passado tem um peso enorme nas ações e no funcionamento das próprias igrejas. Esses costumes, por vezes são tão regulares e tão monótonos que acabam por congelar “no tempo” certas igrejas. As tradições que procuro estudar e dar atenção, serão aquelas que não podem, ou não podiam ser feitas à distância, algumas como a ceia (cerimónia onde se divide o pão e o vinho entre os membros das igrejas), batismo (que na igreja evangélica é feito em idade de consciência e não em bebés), funerais e casamentos. Os laços que existem entre crentes são uma das necessidades para uma comunidade religiosa, e a pandemia veio impedir essa coexistência: “Neste panorama de mudanças rápidas nas atividades religiosas impostas pela pandemia da COVID-19, o distanciamento físico em busca de boas práticas higiénicas, demandou das lideranças religiosas alternativas para manterem os laços relacionais e religiosos e assistirem religiosamente os fiéis.” (Stephanini & Brotto, 2021, p.72).

Graças ao Sars-Cov2, o passado foi extremamente abalado nas igrejas. O passado está aprisionado a tradições e pessoas que nunca mudaram e acreditam que, se sempre funcionou, assim será. Observando a continuidade ao longo dos anos das mesmas atividades, horários, ortodoxia e lugares acaba por ser possível compreender que muitas das igrejas mantêm as “tradições” ou costumes que vieram a ser plantados desde o início das igrejas. Agora, tudo é necessário ser repensado.

Alguns líderes, com quem já houve alguma conversa informal, afirmam que um dos maiores desafios que têm ao longo dos anos é exatamente fazer alguma mudança que acabe por afetar a tradição. Esta tradição agarrada fortemente ao passado ou à história, mostra que existe “a necessidade de rituais presenciais, a efervescência extática da comunidade de fiéis, e digitalização (virtualização) das práticas religiosas” (Côrtes &

Machado, 2000, p.11), e esta tal digitalização, que Côrtes e Machado referem, acaba por se tornar uma mudança muito radical e forçada: ninguém pôde fazer nada em contrário, foi uma mudança forçada, não desejada que pode ter afetado muito o presente e o futuro.

Então, se nas igrejas a tradição se encontra presa ao passado, acredito que o Sars-Cov2 veio trazer uma mudança, acredito que muitas coisas tenham sido forçadas a mudar. Olhando para o tempo de pandemia, tempo em que tudo teve de mudar em Portugal, as igrejas foram obrigadas a mudar, e esta mudança foi algo rápido, repentina, provocando “convulsões” entre fiéis e líderes. As mudanças acabaram por criar uma distância entre igreja, fiéis e líderes, a distância criada foi trabalhada de forma que pudessem resolver certos problemas. O serviço religioso acaba por ser algo muito próximo e pessoal, e sendo que tudo foi obrigado a fechar, a igreja teve de se adaptar e começou pelos serviços realizados via online, seja essa via Zoom Colibri (*software* de reuniões) ou então via Facebook (rede social). A realização dos serviços religiosos (cultos) online, trouxe um sabor “agridoce” tanto para líderes como para fiéis, como é lógico, os líderes ficaram um pouco mais aliviados sabendo que haveria opções de continuar com as celebrações mesmo não sendo a forma ideal e continuar a manter a ligação entre fiéis e Deus, mas, mesmo assim, para os líderes, tornou-se muito complicado entender na realidade quem estava presente e quem “estava” presente; tal como para os professores, uma sala de aula virtual sem que os alunos tivessem as câmaras ligadas, nunca dá para entender até que ponto a mensagem que está a ser transmitida, está a chegar ao recetor. Esta solução para o problema do encerramento dos locais de culto, acabou por provocar uma onda de conforto em muitos dos fiéis que tinham muito mais facilidade em se manter por casa e assistir à celebração normal e dominical sem ter de se deslocar de suas casas. Esta facilidade, tal como já referido, acabou por se tornar um medo, um receio de que, quando as igrejas ou locais de culto voltassem a abrir, muitos destes preferissem ficar pelo conforto das casas. Um aspeto muito interessante que quero explorar nesta dissertação é a forma como as pessoas que são “agarradas” ao tradicional acabam por gostar de ter as celebrações no seu conforto, como é que estas pessoas que nunca querem que mudanças aconteçam e que chegam a ficar ofendidas por se falar em mudança, quando algo é imposto acabam por não ter grande forma de escapar ou fugir do que não queriam que acontecesse. Para mim é interessante este ponto, pois o comportamento humano num caso de vontade própria ou o comportamento humano no caso de obrigação por lei é completamente diferente.

A DGS pediu às mais diversas organizações que gerem ou têm ligação com as igrejas em Portugal, sejam elas evangélicas, católicas ou de outra denominação, para que tivessem uma atenção especial às regras de sanidade relacionadas com a pandemia. No caso das igrejas evangélicas a responsabilidade de passar esta informação é da AEP (Aliança Evangélica Portuguesa), que acabou por ser a última organização a dar um parecer ao pedido da DGS, “Finalmente, a Aliança Evangélica Portuguesa recomendou que igrejas e comunidades evangélicas não abrissem “portas para cultos e outras atividades” pedindo respeito por “todas as indicações sanitárias da DGS” (Moniz, 2021, p. 14).

Origem da denominação Baptista em Portugal

Como acima referido, a dissertação terá foco no estudo dos Baptistas em Portugal, sendo importante explicar um pouco da história da denominação em Portugal para compreendermos alguns aspetos e hábitos criados ao longo dos anos. Os Baptistas em Portugal têm origem pelo século XIX: “Segundo dados registados por João Virgílio Ramos André, desde o início do século dezanove sabe-se da presença dos baptistas em Portugal.” (Araújo, 2015, p. 188). A origem dos mesmos vem a partir de um inglês que nasceu em Portugal neto de um comerciante de vinhos, afirma-se que o início da denominação baptista em Portugal começou quando, segundo o autor e pastor baptista Hernandes Felizardo, “Jones realiza os primeiros baptismos a 6 de Setembro de 1888, organizando-se nesse mesmo dia uma Igreja Evangélica ‘Baptista’ de comunhão aberta” (Felizardo, 1995, p. 11). Então depois de definirmos que religião e denominação vai ser estudada, é importante compreender onde esta se encaixa.

Por mais diversas religiões que existam, a pandemia afetou todas. Não são as diferenças entre homens e crenças que as tornou imunes à pandemia, mesmo que alguns líderes tenham tentado desmentir ou negar o Covid19, isso acabou por se revelar um erro, erro que pode ter custado vidas. Tanto como nas religiões, as denominações também tiveram maneiras diferentes de reagir à pandemia, ao fechamento e aos trabalhos online. Claro que o objetivo deveria ser sempre as pessoas e a saúde em primeiro lugar, mas a realidade é que muitos não viram a pandemia com a seriedade necessária. Líderes, ao enfrentarem a dualidade do pânico/medo contra a necessidade de fé e crença num Deus tiveram também esta dualidade, mas como cabeças, ou exemplos, foi necessário manter uma postura diferente, algo que é necessário num líder.

A denominação baptista faz parte da (AEP) Aliança Evangélica Portuguesa, “A Aliança Evangélica Portuguesa congrega e representa perante terceiros os evangélicos portugueses, herdeiros da Reforma Protestante que tem as Escrituras como única regra de fé.” (*Quem Somos - Aliança Evangélica Portuguesa*, s.d.). A AEP faz a ligação entre as mais diferentes denominações evangélicas em Portugal, fazendo um trabalho de conexão entre estas denominações de maneira que eventos, informações, entre outros, sejam divulgados entre todos. Em altura de pandemia, as igrejas evangélicas geriam os seus cultos/serviços religiosos pelas comunicações que a AEP lançava para todas as igrejas. Foi através da AEP que as igrejas e os seus líderes receberam as diretrizes de como agir durante a pandemia, quando fechar as portas, medidas e cuidados, quando abrir, como fazer a reabertura entre outras diretrizes. A AEP pediu para que as igrejas fechassem as portas durante a pandemia respeitando as indicações: “Finalmente, a Aliança Evangélica Portuguesa (AEP) recomendou que igrejas e comunidades evangélicas não abrissem “portas para cultos e outras atividades” pedindo respeito por “todas as indicações sanitárias da DGS” (Moniz, 2021, p. 14). Talvez a mais importante tenha sido a comunicação realizada a 30 de Setembro de 2021, onde se pode ler: “Estas medidas determinam que deixe de haver limitações de pessoas nos cultos e dispensam a aplicação de normas da DGS para as celebrações religiosas, conforme n.º 3 do art 10 da RCM 135-A/2021.”¹ estas medidas que ditavam as restrições e obrigações que existiam graças à pandemia.

Uma das preocupações da AEP em tempo pandémico era a propagação do vírus e do exemplo que tanto a AEP como as igrejas deveriam dar. O grande objetivo era evitar o que se passou em França, “Um evento evangélico no leste da França, que durou uma semana no mês fevereiro, contribuiu para disseminar o coronavírus em todo o país, segundo autoridades sanitárias.” (Fernandes, 2020). Sendo que as instituições religiosas se prezam pelo bom testemunho e respeito por todos, a necessidade de manter o covid19 ou os focos de propagação fora das igrejas ou eventos era essencial. Tentar que não houvesse nada a apontar era essencial para o testemunho e credibilidade das igrejas.

Além da AEP, onde as igrejas evangélicas estão inseridas, ainda existe uma outra pequena organização de 47 igrejas baptistas chamada de CBP (Convenção Baptista Portuguesa), sendo que as igrejas baptistas não estão todas inseridas na CBP, pois existem igrejas

¹ (Comunicado sobre o estado de alerta [31/10/2021] - aliança evangélica portuguesa, 2021)

independentes e de uma outra organização muito pequena, mas a CBP é onde se encontra a maior concentração das igrejas.

Algumas características das igrejas Evangélicas Baptistas

Igreja baptista é separada do estado: A separação entre igreja e estado está relacionada com a separação dos evangélicos holandeses dos ingleses, “Os baptistas são filhos da reforma protestante, mas são filhos radicais e quiseram separar-se absolutamente do que era o Estado.” (Entrevistado João), “Os baptistas surgem na Holanda por uma questão de perseguição religiosa de ingleses que não concordam, dentre várias coisas, com a gerência do Estado dentro da Igreja. E por conta disso, a Igreja assume as corrupções e as corruptelas que o Estado tem.” (Entrevistado Diogo). Quando Lutero “combate” contra as ideias católicas, acaba por se separar do estado e ainda atualmente é assim nas igrejas evangélicas. Isso não faz com que a igreja evangélica baptista seja alienada dos acontecimentos e do governo. Sendo que a igreja tem o seu lugar na sociedade e é ensinada a orar pelo governo do seu país, também o governo deve ter o seu lugar na sociedade.

Independência da igreja local: A igreja local, mesmo estando associada à CBP, tem liberdade para tomar as suas decisões. A igreja é gerida por uma assembleia composta por presidente, tesoureiros, secretários, entre outros elementos. Esta assembleia é soberana para tomar as decisões para a igreja.

“Cada Igreja Baptista é totalmente independente. Nós podemos fazer parte de organismos cooperativos, nós nos unimos a outras igrejas para fazer coisas que sozinhos não conseguiríamos. Por exemplo, nós temos um seminário em Portugal das igrejas baptistas. Uma igreja sozinha dificilmente conseguiria ter um seminário, é muito caro. Nós todas juntas, contribuindo, conseguimos ter um seminário. Mas cada igreja local toma as suas decisões, dentro daquilo que são os nossos princípios, a nossa carta de princípios, digamos assim, doutrinários e éticos, mas dentro disso cada igreja toma as suas decisões. Uma das decisões que tem, tem a ver com a escolha dos seus líderes de cada área. Isso é feito em assembleia. Nós temos assembleias regulares, democráticas, como acontece com uma associação, com uma IPSS. Portanto, o pastor é o presidente da mesa, ele nem vota, não é o pastor que toma decisões. O pastor traz assuntos à comunidade e a comunidade vota, cumprindo as regras parlamentares, não é? Há uma proposta, há um apoio, há discussão e há votação a favor, contra e abstenção.” (Entrevistado João).

Evangelho: A palavra na sua origem significa boa nova, e para as igrejas o foco é pregar, espalhar e explicar o evangelho. “O Evangelho é Jesus Cristo. Eu acho que o nosso, pra mim, o Evangelho é uma mensagem, só que pra nós uma mensagem, a nossa mensagem é uma pessoa. É Jesus Cristo. Então, falar do Evangelho é falar de Jesus Cristo. É apenas reconhecer que Jesus Cristo, o Salvador, o Filho de Deus, aquele que dividiu a era em duas partes, o antes de Cristo e o depois de Cristo, é um Cristo histórico, é um Cristo real, esse Cristo é o nosso salvador, é o nosso, é o nosso Messias e nós tornamos senhor da nossa vida” (Entrevistado Nuno).

Ceia: É um memorial onde a igreja evangélica baptista relembra a última ceia tomada por Jesus com os seus discípulos. A ceia normalmente é celebrada no primeiro domingo de cada mês e é para os membros das igrejas da mesma fé e ordem, sendo que podem existir diferenças de igreja para igreja em alguns destes aspetos. A ceia, para a igreja evangélica baptista, é um memorial e não um ritual, diferente da igreja católica romana; a igreja evangélica não acredita na transubstanciação, ou seja, que os elementos (pão e vinho) não se transformam mesmo na carne e sangue de Jesus, mas acreditam que estes representam a sua carne e o seu sangue.

Membros: As igrejas evangélicas baptistas têm membros. Para alguém se tornar membro de uma igreja tem de ser batizado numa igreja da mesma fé e por imersão. Quando vem de outra igreja, até por vezes de outra denominação, normalmente é enviada uma carta de transferência que reconhece aquela pessoa como alguém que foi batizado por imersão e que está em comunhão com a igreja.

Apresentação de bebés: A igreja evangélica baptista não faz batismos infantis, a igreja acredita que para haver batismo tem de haver uma tomada de decisão e um arrependimento. Então, a igreja evangélica baptista faz uma apresentação dos bebés, é uma comemoração onde os pais apresentam o bebé recém-nascido à igreja e a Deus, reconhecendo a sua responsabilidade como pais em o educar nos caminhos bíblicos.

Ofertas e dízimos: As igrejas evangélicas baptistas não recebem qualquer sustento por parte do estado. Sendo que estão separadas do estado, estas igrejas sustentam-se com ofertas e dízimos dos membros. “As contribuições estão baseadas numa doutrina que é a doutrina do dízimo, como nós sabemos. Embora alguns considerem que o dízimo é do Velho Testamento, lendo a Bíblia com atenção, nós percebemos que não é só do Velho, é do Velho e do Novo e sempre continuará a ser.” (Entrevistado André)

O sagrado passou a virtual. E agora?

Então olhando para estas igrejas, que sempre funcionaram de forma presencial e contínua, começar de repente um “fechar de portas”, uma “obrigação” de desfazer “o ritual” da presença do fiel na igreja, acaba por muitas vezes complicar e dificultar o entendimento dos fiéis. As igrejas foram obrigadas a fazer uma adaptação, foram obrigadas a adaptar o que para elas era normal e fazer isso de forma diferente. O dicionário de sociologia de Johnson descreve a adaptação como: “A adaptação refere-se às mudanças que ocorrem com o objetivo de manter os vários aspectos de uma cultura ou suas estruturas ou, em casos extremos, de contribuir para sua sobrevivência, em qualquer que seja a forma.” (Johnson, 1995, p. 4).

Com as igrejas de portas fechadas era necessário encontrar uma forma de fazer chegar os serviços religiosos até aos fiéis, era necessário encontrar uma solução que fosse aplicável a todos, independentemente da faixa etária, sexo, localização e condições de mobilidade. Foram discutidas várias formas, mas logo a mais prática se revelou ser a internet, a virtualização do “ritual” religioso. Pré-pandemia, a virtualização dos rituais religiosos era feita como forma de chegar a todos, tal com a sua congregação, em qualquer parte do mundo, transmitindo o serviço religioso para a internet como era feito no domingo normalmente. Claramente o foco não eram as pessoas que se encontravam atrás do ecrã, mas sim os que estavam nos locais presenciais. Com a pandemia tudo mudou, a realização do culto de forma virtual deixou de ser só a transmissão do que era normal ao domingo para começar a ser o serviço normal de domingo “virtualizado”, o culto deixou de ser preparado para o local físico e transmitido, mas começou a ser preparado só para a transmissão online. Se já haviam trabalhos sendo transmitidos online, podemos aceitar a afirmação de Cunha quando diz “em geral, as igrejas nunca rejeitaram as mídias, pelo contrário” (Cunha, 2017, p. 27) Então as igrejas procuraram solucionar o problema existente, estas igrejas foram “em busca de mudanças e adequações neste tempo de pandemia, as religiões, por meio do arcabouço e dinâmica própria de cada uma, assumiram vultosa intensidade no ciberespaço por meio das tecnologias, gerando uma enorme pandemia de transmissões religiosas: doutrinas, ritos, valores, celebrações, estudos, comunicações etc. Neste panorama de mudanças rápidas nas atividades religiosas impostas pela pandemia da covid-19, o distanciamento físico em busca de boas práticas higiênicas, demandou das lideranças religiosas alternativas para manterem os

laços relacionais e religiosos e assistirem religiosamente os fiéis.” (Stephanini & Brotto, 2021, p. 72)

Sendo que o espaço presencial se encontrava fechado, começou a existir um distanciamento social. Este distanciamento acaba por ter certas implicações nas pessoas, algumas psicológicas outras sociais, como este artigo demonstra: “Social distancing can contribute to the manifestation and/or aggravation of psychological symptoms such as insomnia, anxiety, depression and, in some cases, contribute to the emergence of posttraumatic stress, psychotic outbreaks, panic syndrome and increase the possibilities of suicidal thoughts and behaviors” (Martins et al., 2023, p. 80) entre fiéis, o que para muitos a igreja e os irmãos (nome pelo qual são conhecidos dentro das igrejas) era das poucas interações semanais, especialmente para os mais idosos. Este distanciamento tinha de ser tratado de alguma maneira, e de novo a internet volta a aparecer como “herói” da situação. No artigo “A presença virtual do sagrado em tempos pandêmicos: a virtualidade e a rua na construção do espaço público de Pelotas/RS”, o autor afirma que “a partir desse período, a internet se tornou o meio possível de aproximar pessoas durante o distanciamento social.” (Campos & Silva Neto, 2021, p. 143). Para tentar da melhor maneira reduzir o distanciamento social e conseguir conectar com o maior número de fiéis, os pastores iam pensando na melhor maneira de o fazer. Um pastor no Brasil começou por fazer reuniões além dos cultos normais dominicais; no artigo acima mencionado pode ler-se: “cabe destacar que o pastor inaugurou sua presença no espaço virtual com a proposta de realizar de terça a sexta-feira a partir das 20 horas um encontro para conversas sobre diversos temas denominadas como: “tempo de conexão”, “identidade cristã”, “tricotomia – espírito, alma, corpo”. Entretanto, em algumas semanas ocorriam as lives diárias e em outras semanas alguns dias eram pulados sem nenhuma publicação que explicasse essa irregularidade. No mês de junho, esses eventos virtuais já estavam acontecendo somente nas terças e quintas-feiras, às 20 horas, no perfil do pastor no Facebook. E todo domingo ocorria o culto on-line às 19 horas, dia e horário do culto presencial na igreja do pastor, sinalizando certa continuidade da principal atividade realizada no seu templo.” (Campos & Silva Neto, 2021, p. 146).

Temor e tremor

Seja em que religião for, existe sempre uma necessidade de temor ao deus que seguem ou adoram, e esse temor existe em maioria por uma questão de medo, mas por vezes, como é ensinado na religião evangélica, o temor é uma noção de respeito e autoridade

divina perante o ser humano. Mesmo havendo temor e as pessoas confiando neste Deus que adoram, existe sempre espaço para o tremor, espaço para o medo, dúvida e até às vezes pânico. Não é por se ser um fiel que o humano se torna imune a todas as coisas, até às psicológicas, então, existe espaço para o tremor nas igrejas durante a pandemia do Covid19, tal como existiu ao longo de outros anos com outras pandemias. A necessidade de o ser humano compreender os seus sentimentos acaba por ser muito importante para a religião, pois é aqui que se pode encontrar a razão de muitas decisões e de muitas ações que são tomadas.

Um aspeto que as pessoas acabavam por passar ou sentir sem dúvida que era o medo, e muitas vezes o medo e a desinformação acabam por gerar caos e contribuir para o pior da situação; então, igrejas e líderes também tinham uma grande importância, neste caso, não era a desmistificação da doença ou negação da mesma, mas a consciencialização do que era necessário fazer. Era necessário lembrar os fiéis que a pandemia existia, que era real, que infetava qualquer pessoa, sem escolher sexo, cor, nacionalidade, idade, e que todos deviam ter um senso de responsabilidade. Claro que mesmo com todas estas informações as pessoas não ficavam “vacinadas” contra o medo, os média faziam o trabalho de só mostrar o negativo e o que era mau durante a pandemia, e então o trabalho de responsabilizar acabava muitas vezes nas mãos de líderes, pais, patrões e médicos. Então a pandemia e o medo fizeram com que “tudo isso faz com que o pânico assale as pessoas acarretando o aparecimento de doenças psicossomáticas, aumento ainda mais o número de vítimas e necessitados. O efeito psicológico nas pandemias é tão letal quanto a mortalidade do vírus” (Nascimento, 2022, p. 5). Para superar algum deste medo e pânico que foi sendo criado pela pandemia “cada pessoa vai encontrar ou não em suas crenças sociais, políticas e religiosas alguma resposta ou falta de resposta às questões que o momento atual tem levantado” (Gebara, 2020).

As ações e decisões que os pastores foram tomando ao longo do tempo pandémico para ajudar e apoiar os fieis que se encontravam em maior solidão, tinham em vista o bem estar do “rebanho”, tinham em vista o apoio social e psicológico: “Religion, through its dogmas, rituals and, especially, the group processes established in religious life, offers the followers important material, emotional and social resources that can help them to face daily adversities, providing them with greater spiritual and social support” (Martins et al., 2023, p. 85). Olhando para os artigos acima referidos, conseguimos compreender que realmente é importante estudar os efeitos que a pandemia teve e irá continuar a ter, é

importante olhar para o que ainda vai acontecer no futuro enquanto as pessoas, igrejas e comunidades se encontram a recuperar de um tempo tão atribulado. Ao longo da pesquisa realizada para o enquadramento teórico, foi possível compreender em maior profundidade que as igrejas e as pessoas passam e mudam consoante os acontecimentos ao longo do tempo. Olhando para as igrejas e as suas mudanças conseguimos perceber o que Bauman queria dizer no seu livro “Tempos líquidos” com a ideia de que as comunidades são vivas e em constante transformação, tal como Bauman explica que uma comunidade sem alterações e adaptações acaba por ficar para trás ou mesmo se extinguir: “uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam.” (Bauman, 2007, p. 5). Vemos assim que a adaptação das igrejas, além de forçada, atualmente pode-se considerar positiva.

Outras ações foram tomadas por instituições religiosas em tempos pandémicos não só para os seus fiéis, mas para apoio da comunidade no seu todo, grupos de ação social, grupos de distribuição de alimentos e até hospitais temporários: “Nos Estados Unidos, por exemplo, diversas comunidades religiosas implantaram hospitais de emergência e criaram programas de entrega de alimentos e apoio a pequenas empresas.” (Mutua, 2021, p. 3). Sabemos que nas mais diversas religiões existem paradigmas que acabam sendo quebrados pelas mais diversas razões, e algo forçado como uma pandemia acaba muitas vezes por fazer com que certas instituições/religiões acabem repensando muitas das suas decisões e paradigmas; por exemplo, rituais fúnebres eram muito diferentes no passado, em tempos antigos “o falecido era conduzido à igreja que escolhera momentos antes de morrer. Os seus pares levavam-no aos ombros, com pompa fúnebre, de velas e de cantos. Tais cerimônias quase se extinguíram, no todo ou parcialmente, quando principiou o furor da peste. E muitas novidades vieram a substituí-las. [...] Fazia-se raro o caso daqueles que tinham, indo para a igreja, para o cortejo de dez ou doze de seus vizinhos. O féretro destes era carregado, não por honrados e prestimosos cidadãos, porém por uma espécie de padioleiros, que se originaram da gente mais humilde, que recebiam o título de coveiros, e que apenas usavam seus préstimos por um preço combinado com antecedência. [...] Os padioleiros caminhavam atrás de quatro ou cinco clérigos, com raras velas; as mais das vezes iam mesmo sem nenhum clérigo (Martino, 2017, p. 48).

As igrejas em tempos pandémicos tiveram de mudar radicalmente este paradigma dos funerais, sendo que era proibido o ajuntamento de pessoas, especialmente em espaços fechados. Quem mais sofria com a situação eram familiares, que muitas vezes não tinham a oportunidade de se despedir dignamente dos familiares ou mesmo estar presente nos últimos momentos. Quaisquer ritos ou paradigmas que existiam pré-pandemia tiveram de ser repensados e refeitos ou reorganizados.

Os fiéis neste tempo foram obrigados a alterar tudo aquilo a que estavam habituados, tal como já referido, a espiritualidade, fé, paradigmas e rituais que estavam a ser celebrados durante anos em locais presenciais considerados quase como sagrados, igrejas, acabavam por se tornar os nossos sofás. O espaço de conforto das pessoas, salas, quartos, escritórios entre outros, tornou-se também o salão de cultos ou de missas. O conforto espiritual acabou por ficar concentrado no espaço onde geralmente as pessoas sentiam o conforto físico, e todos os hábitos foram alterados para esse espaço, que agora era um espaço duplo. Para os fiéis, este espaço agora é “a novidade de se rezar fora do templo, da mesquita ou sinagoga; de se celebrar uma páscoa sem missa; realizar um exorcismo em casa; ter ritos funerais diminuídos; não se comemorar o fim do Ramadã; não realizar as costumeiras peregrinações e rituais de purificações em rios; cancelar cerimônias de casamentos e outras situações religiosas inusitadas e inesperadas, mesmo após a diminuição da disseminação do vírus e com os protocolos de retorno gradual às celebrações ou aos ritos presenciais que acontecem timidamente, impactaram as religiões” (Porreca, 2020, p. 229-241).

É importante realçar que muitas destas religiões/congregações são compostas por pessoas mais idosas, logo a dificuldade de passar tudo a virtual vai ser acentuada nas idades mais avançadas. Muitas vezes acabavam por necessitar de apoio para ligar dispositivos, conectar aos serviços religiosos ou mesmo até dificuldades de audição. Estas dificuldades, mesmo sendo compreendidas por líderes e outras pessoas, acabaram por ser quase impossíveis de resolver em tempos de confinamento. Sendo que era proibida a deslocação nas ruas, muitas vezes estas pessoas não conseguiam aceder aos serviços religiosos online. Então, outras soluções tiveram de ser encontradas, e tudo acabou por dificultar ações e decisões de líderes. No estudo, esta será uma área também a investigar e questionar os líderes, esta necessidade de ajudar o próximo, mas não o poder fazer presencialmente acaba por muitas vezes desmotivar e cansar os líderes. O que se vai

procurar saber, é que desafios os líderes passaram que não conseguiram resolver, e, se conseguiram, como o fizeram.

Metodologia

Para a presente dissertação, utilizei entrevistas como principal método de obtenção de dados. Iniciei o processo com uma entrevista exploratória, a qual serviu como base para a elaboração do guião semi-diretivo, construído a partir das respostas obtidas nesta fase inicial. Esta entrevista exploratória foi realizada significativamente antes das demais, em resposta a recomendações de docentes e à consulta de bibliografia específica sobre métodos de recolha de dados. Como afirmado por Quivy, "a entrevista exploratória visa economizar perdas inúteis de energia e de tempo na leitura, na construção de hipóteses e na observação" (Campenhoudt, 2008, p. 69).

Como referido acima, realizei uma entrevista exploratória que acabou por me dar alguns dados interessantes e ajudou em muito a criar o melhor guião possível.

A entrevista foi feita a um pastor/líder que tem 67 anos, está no trabalho ministerial desde 1985. Este pastor achou a iniciativa muito boa, que pode ajudar as igrejas a se entrelaçarem e compreender as dificuldades que as mesmas passaram. Ao ser questionado se alguma vez se tinha deparado com um acontecimento idêntico, que tivesse afetado as igrejas desta forma e até feito com que as mesmas fechassem as portas, ele responde que não, afirmando que em todos os anos em que tem estado no ministério nunca se lembra de ter passado por algum episódio idêntico a este. Também foi feita a pergunta sobre as faixas etárias mais afetadas pela pandemia e pela impossibilidade de aceder à igreja e a resposta mostrou que a faixa etária mais afetada foi a dos idosos. Esta faixa etária acabou por sofrer algumas dificuldades acrescidas porque não estavam tão preparados para a mudança dos serviços religiosos presenciais para a distância e muitos não compreendiam ao início. Esse foi um ponto muito referido e até de difícil resolução para a liderança da igreja.

Durante a entrevista também procurei saber quais as maiores dificuldades que a liderança das igrejas teve que ultrapassar para fazer a transição dos serviços regulares locais para a distância. Na entrevista formal que fiz, a maior dificuldade foi lidar com as novas tecnologias, visto que o líder/pastor já tinha cerca de 65 anos, e tinha algumas dificuldades com essas tecnologias, mesmo assim, conseguiu arranjar forma de manter os serviços, no início via Facebook, passando depois para o software zoom, que acabou por identificar como uma mais-valia para as necessidades com que a igreja se estava a deparar nesse momento. Admite também que houve alturas "desesperantes" onde quase lhe apeteceu desistir, mas acreditou que o seu trabalho tinha um propósito superior e então conseguiu

manter o ânimo. Antes dos serviços passarem a ser todos online, o líder/pastor afirma que a primeira coisa que fez foi começar, diariamente, a enviar mensagens para todos os crentes com informações e tentativa de dar alguma esperança e até estar perto dos crentes. Sobre a lotação e o início do regresso à normalidade, o pastor afirmou que houve algumas mudanças que tiveram de ser feitas, afirmou que as instalações sem pandemia tinham espaço para 100 pessoas e que a assistência regular era de 60 a 70 pessoas por domingo. Com o primeiro abrir de portas, onde havia as primeiras restrições, a igreja teve de reduzir os lugares e com as devidas alterações, conseguiram criar espaço para metade dos lugares anteriores, cerca de 50 lugares, mas mesmo assim, com o número de assistências superior, foi decidido pela liderança da igreja fazer 2 serviços/cultos a cada domingo, o primeiro às 16h e o segundo às 17h. Estes cultos eram com lugares pré-marcados pelas pessoas, tentava-se sempre que viessem em famílias pois essas podiam ficar juntas sem ter os 2 metros de distanciamento. Os cultos eram praticamente “repetidos”, isto também para aliviar um pouco os responsáveis, o que ajudava também a controlar as pessoas que gostassem de ficar para as duas celebrações. Por fim, o pastor afirma que houve vários tipos de impactos graças à pandemia, sejam positivos ou negativos; ao início, o pastor afirmava que tinha grandes dificuldades em ver a luz no fim do túnel, ver o fim do confinamento e o fim das restrições e que isso o assustava, pois com a sua idade pensava não ter energia nem capacidade de se acomodar. Quanto ao maior impacto negativo, o pastor afirma que foi o afastamento entre crentes; este afastamento aconteceu graças à impossibilidade de estarem juntos regularmente, as pessoas começaram a arrefecer a sua proximidade. O pastor afirma que é algo que pode vir a ser recuperado, e que é um trabalho que já começou. Já a nível de impacto mais positivo, o pastor afirma que foi “viver pela fé”, ou seja, todos os dias tinha de pensar como sobreviver à pandemia e como manter a igreja unida numa altura em que não podia haver união.

A primeira entrevista foi conduzida presencialmente com o líder de uma igreja situada na região central de Portugal, com a qual mantive um acompanhamento próximo durante o período pandémico. Esta entrevista preliminar revelou que certas perguntas não eram adequadas para a obtenção de dados, enquanto outras, discutidas informalmente com líderes e professores, mostraram-se cruciais para o enriquecimento dos resultados obtidos.

Inicialmente, considerei a possibilidade de realizar um estudo de natureza mista, envolvendo questionários e entrevistas. No entanto, ao longo do processo, percebi que o caminho mais adequado seria optar por uma abordagem exclusivamente qualitativa. A

recolha de dados seguiu uma estratégia de amostragem por caso único, focando-se em um fenómeno sociológico específico. Embora o tema da COVID-19 e o seu impacto na esfera religiosa um vasto campo de estudo, esta dissertação concentra-se apenas no impacto através do estudo de caso das igrejas baptistas.

Relativamente à população em estudo, existem cerca de 40 pastores pertencentes à Convenção Baptista Portuguesa (CBP), aos quais tive acesso. Para garantir uma amostra com alguma representatividade geográfica, entrevistei dois pastores do Norte, dois do Centro, um da região de Lisboa e um da região Sul. Apesar de tentativas adicionais para entrevistar mais pastores da zona de Lisboa e do Sul, não foi possível devido a incompatibilidades de agenda.

Os dados obtidos foram tratados de acordo com os procedimentos metodológicos aprendidos durante a minha formação académica. Todas as entrevistas foram previamente autorizadas para gravação, com os participantes sendo informados de que as informações fornecidas seriam mantidas em total anonimato. Por essa razão, alguns detalhes que poderiam revelar a identidade dos entrevistados foram omitidos, conforme discutido com o orientador.

As entrevistas foram transcritas verbatim e os dados foram organizados em tabelas (disponíveis nos anexos), contendo excertos das respostas e uma síntese das mesmas, para facilitar a seguinte análise. O tratamento dos dados consistiu no cruzamento de respostas, na realização de comparações, e na identificação de semelhanças e diferenças. Um dos objetivos foi evidenciar que, mesmo num universo relativamente pequeno como as igrejas evangélicas baptistas da CBP, existem variações significativas e interessantes que merecem ser exploradas.

A análise das respostas permitiu responder às questões de investigação propostas inicialmente, revelando o impacto da pandemia nas igrejas e as transformações decorrentes deste fenómeno. Muitas respostas foram interessantes e suscitaram novas questões, que gostaria de ter explorado com um maior número de líderes.

Do ponto de vista ético, não enfrentei grandes desafios. Embora eu conheça pessoalmente todos os entrevistados, o que poderia levantar questões relacionadas ao código deontológico, acredito ter mantido uma postura adequada de distanciamento entre investigador e entrevistado. O anonimato foi cuidadosamente preservado, e, antes de cada entrevista, foi fornecida uma explicação sobre os objetivos da dissertação, com

consentimento verbal obtido para a gravação e posterior tratamento dos dados. Houve, inicialmente, algum receio em relação à proximidade com alguns dos entrevistados e à possibilidade de não conseguir manter a imparcialidade. Contudo, esse receio foi superado, e o processo decorreu sem grandes dificuldades, sem recusa de respostas por parte dos entrevistados, que se mostraram colaborativos ao estudo.

Análise dos dados

A voz dos líderes

Ao analisar a literatura existente sobre os impactos da pandemia de COVID-19, foi observado que muitos dos estudos e artigos utilizados no referencial teórico não incluem entrevistas ou informações diretas fornecidas pelos líderes religiosos. A maioria das informações presentes nessas publicações provém de inquéritos ou de pesquisas documentais. Diante dessa constatação, torna-se relevante dar uma ênfase especial às entrevistas e ao testemunho direto dos líderes que viveram e enfrentaram os desafios desse período. Neste contexto, a presente dissertação busca oferecer voz a essas figuras, permitindo que compartilhem suas experiências, desafios, dificuldades, motivações, ansiedades, necessidades, medos e até convicções.

É necessário considerar que o silêncio durante a pandemia de COVID-19 não se restringiu apenas à ausência de carros e pessoas nas ruas; muitas vezes, esse silêncio se referiu à impossibilidade das pessoas se comunicarem ou de serem ouvidas. Para muitos, esse silêncio foi ensurdecedor, especialmente para aqueles que tinham a responsabilidade não apenas física, mas também espiritual, de liderar e apoiar suas comunidades. Lembrando que, além de líderes religiosos, muitos desses indivíduos são também pais e responsáveis por suas famílias, acumulando múltiplas responsabilidades durante esse período desafiador.

Portanto, um dos principais objetivos desta dissertação é dar visibilidade a esses líderes, frequentemente esquecidos durante tempos tão complexos, e que se esforçaram para minimizar o impacto da pandemia em suas congregações. É fundamental destacar que muitos desses líderes tiveram de adaptar suas ações, horários e hábitos para proporcionar aos fiéis um ambiente de normalidade, na medida do possível, durante a crise sanitária. Dessa forma, ao explorar suas perspectivas e vivências, pretende-se contribuir para uma compreensão mais abrangente dos efeitos da pandemia nas práticas religiosas e no bem-estar das comunidades de fé.

Descrição das igrejas e pastores

As entrevistas foram realizadas a seis pastores com as mais diversas idades e a maior representação geográfica possível. Os pastores entrevistados têm idades compreendidas entre os 31 e 65 anos. Importante lembrar que, na igreja evangélica baptista, para alguém se tornar pastor, é necessário sentir um chamado muito específico para tal, fazer formação de 3 anos num seminário após o 12º ano, o que nem sempre é obrigatório, e passar por um concílio examinador e uma consagração que vai aprovar o candidato a líder/pastor de uma congregação/igreja. e então, ter alguém com a idade de 31 anos como líder, é valor muito difícil de conseguir neste meio. Não só as idades dos líderes são importantes, mas também a idade da igreja e o tempo que estes estão à frente como pastores. Sendo que a denominação baptista em Portugal já tem mais de 100 anos, todas as igrejas dos pastores entrevistados têm mais de 50 anos e todas têm instalações próprias que foram adquiridas na altura mesmo com esse objetivo de se formar igreja, por exemplo, o entrevistado João, quando perguntado se as instalações ainda eram as de origem da igreja, responde: "Não, a igreja nasceu na mesma rua mas pronto, ela nasce em 56 num espaço bastante pequeno que ao fim de dois anos não comportava mais e portanto muda-se para este local onde hoje está, adquirindo uma parte do espaço que era um prédio e depois adquirindo mais tarde o resto do prédio." (Entrevistado João). Outro entrevistado diz que as instalações são as de origem, "São instalações próprias, foram remodeladas pela igreja para servirem como lugar de culto"(Entrevistado David). Pode parecer que ter instalações próprias não tem grande importância, mas é importante perceber que com a necessidade de pagar renda, e sendo que as igrejas são sustentadas pelos seus membros, sem haver reuniões presenciais, seria complicado ou até impossível manter as instalações, e além disso, ter um espaço próprio para a realização dos cultos ajudou a saber como orientar os lugares durante o tempo de restrições. Outra realidade que é importante ter em mente quando pensamos nas restrições e nas alterações que foram forçadas nas igrejas graças à pandemia, é a importância de algumas novas tecnologias que nem todos os pastores têm facilidade em utilizar.

A igreja onde André é o pastor, tem instalações onde não só realizam serviços religiosos, mas também existe uma associação de apoio a crianças. É um projeto que acaba por ter impacto na sociedade e na localidade onde a igreja está integrada. A igreja tem cerca de 70 anos e contou com remodelações recentes para melhoria das instalações e capacidade para mais assistência.

Todos os pastores entrevistados são casados e com filhos. Para a igreja evangélica portuguesa, o estar casado é muito importante, pois a igreja quando procura um pastor para liderar a sua congregação, procura com alguns requisitos² que estão na Bíblia, e a congregação assume como sendo estes requisitos chave para a escolha de um bom líder. Sendo que a igreja evangélica baptista é independente, mesmo estando associada à CBP, a congregação tem toda a liberdade e autoridade para escolher o seu pastor.

Antes da pandemia

Entre os entrevistados é possível compreender um pouco de como as igrejas estavam a funcionar. Consoante as entrevistas também compreendemos que as igrejas que têm um maior número de membros, geralmente têm mais atividades semanais que as mais pequenas. Temos o exemplo do pastor Diogo cuja igreja, com 75 membros, se reunia duas vezes por semana, domingos e quarta-feira: "A igreja tinha cultos aos domingos, a igreja tinha cultos de oração às quartas-feiras" (Entrevistado Diogo), enquanto na igreja do pastor João, que tem cerca de 300 membros, a igreja já se reunia em média 4 a 5 dias por semana. Esta igreja tinha atividades além dos cultos regulares: "Antes da pandemia, bem, a igreja tinha uma escola de música a funcionar, tinha normalmente as suas atividades principais acontecendo na quarta-feira, ao fim da tarde, pois havia algumas atividades que aconteciam nos sábados, podiam não ser obrigatoriamente todos os sábados, mas a maioria dos sábados no ano teria algum tipo de atividade a acontecer e concentrava a sua atividade principal no domingo, sendo que era uma igreja bastante ativa, começando a sua atividade por volta das, nove da manhã e terminando cerca de doze horas depois.", "4 a 5 dias por semana aberta" (Entrevistado João), que ocupava a maior parte dos dias semanais, sendo que até uma escola de música estava em funcionamento na igreja. As outras igrejas onde o número de membros varia entre os 19 e os 150, pouco mais tinham que os serviços religiosos normais. Existe uma exceção de uma igreja do centro que tem uma fundação de apoio a crianças, "e tem um primeiro andar com duas salas para acolher crianças, porque nós temos uma fundação. Todos os dias, temos na instituição cerca de 74 crianças." (Entrevistado André), que acaba por funcionar semanalmente ao lado da igreja; não é uma atividade na igreja, mas está ligado com a mesma.

²I Timóteo 3:2-4: É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade.

Com as entrevistas também conseguimos compreender que metade das igrejas tinham alguma presença online. A presença online que aqui se está a falar não é página em redes sociais, mas sim a transmissão de cultos e de outras cerimónias de forma mista, presencial e online ao mesmo tempo. Observamos que as igrejas compreendem, após a pandemia, a grande importância que é estar online, não só via Facebook ou Youtube com transmissões diretas, mas sim com o software zoom que acabava por permitir alguma interação. Também observei que pelo menos duas igrejas já se encontravam bem preparadas para transmissões online mesmo antes da pandemia, mas, ao analisar as entrevistas, vemos que mesmo essas passaram por dificuldade: “havia a transmissão dos cultos através da internet, isso já existia antes do Covid, mas não era, nós não o contabilizávamos como algo participativo da Igreja, era algo quase que para, de um certo modo, dar um testemunho público e, por outro lado, quase que manter uma espécie de arquivo daquilo que é o trabalho, a pregação e o ensino da igreja.”, “No primeiro confinamento foi um membro da equipa de tecnologia da igreja deslocava-se à minha casa com máscara ele com máscara, eu com máscara enfim, toda a gente mascarada ele vinha filmar, ele vinha gravar aquilo que seria a mensagem do domingo as duas mensagens preparadas para o domingo.” (Entrevistado João).

É importante referir que a quantidade de membros não significa a quantidade de assistências. Assistir a um culto qualquer pessoa pode assistir, mas existem certas atividades, como assembleias, que só podem ser frequentadas por membros. Podemos ver isso com o exemplo da igreja do pastor João, que afirma ter cerca de 300 membros na sua igreja, mas as assistências aos cultos rondavam os 200/220 no culto matinal e no culto de tarde pelos 70/80: "O domingo pela manhã teria aproximadamente duzentas e poucas pessoas. 200 e 220, talvez. Os cultos da tarde, talvez 70 ou 80 pessoas." (Entrevistado João). Sendo que esta igreja está no centro de Lisboa, o pastor afirma que não é uma igreja em que as assistências sejam por pessoas das proximidades, a maioria das pessoas acaba por se deslocar de transportes para os serviços religiosos, o que já não acontece com outras igrejas. Por exemplo, a igreja no Norte, do pastor Igor, é uma igreja mais local, mas passa por muito mais dificuldades, sendo que durante a entrevista referiu várias vezes que a própria igreja esteve para fechar entre os anos 2000 e 2014: “Esteve mesmo para fechar, chegou a ter assistências de uma pessoa, digamos assim” (Entrevistado Igor). Como esta igreja é uma igreja muito mais local, acabavam por ter outros tipos de atividades, como refeições comunitárias e reuniões mais pequenas.

Podemos então concluir que mesmo sendo igrejas irmãs a nível de doutrina e de associação a organizações, não existe uma homogeneidade nos comportamentos, nas atividades, na quantidade de membros, números de assistências e até dias em que a igreja tem as portas abertas. Observou-se com as entrevistas que as igrejas têm uma discrepância muito grande a nível de membros e isso também se reflete em outros assuntos, como em número de atividades, sustento financeiro ou mesmo quantidade de cultos celebrados ao domingo. Na etapa pré-covid compreende-se que as igrejas e os pastores não só não se encontravam preparados para as consequências da pandemia, como nunca pensaram que algo assim fosse acontecer. No decorrer da análise dos dados vamos ver os comportamentos das igrejas e dos pastores não só durante a pandemia, mas também no pós-pandemia, e além disso ainda vamos observar os impactos. Tempo pré-pandémico pode-se afirmar que era um tempo de normalidade e talvez de uma certa monotonia, as atividades habituais eram mantidas.

Durante o tempo pandémico

Para esta análise vamos dividir o momento de pandemia em dois, o momento em que as igrejas tiveram de estar fechadas, e o momento em que começaram a abrir com o alívio das restrições do governo e da direção de saúde. Como já referido acima, a pandemia veio trazer e forçar a muitas mudanças no seio das igrejas aqui estudadas. Compreende-se que a obrigação de fazer as alterações por razões sanitárias estiveram na origem destas mudanças, mas também algumas questões que estão relacionadas com a comunhão e com a fé dos fiéis acabam por ter impacto. O que era regular e a norma para estas igrejas, atividades presenciais, acaba por se tornar numa impossibilidade e até crime, como vemos no anexo 1. A impossibilidade da presença física entre irmãos e pastores acaba por cair sobre a figura do pastor, sendo que este é um líder e tem sempre de tomar as decisões olhando para a sua congregação. A dificuldade de alguns pastores em lidar com a ordem de fecho é compreensível, a igreja evangélica baptista tem por hábito de ter tempo presencial e de comunhão.

Então em pleno março de 2020 chega o “Comunicado do Conselho de Ministros de 19 de março de 2020” (Anexo 15) onde entram em vigor as leis e obrigação de confinamento. Os pastores entrevistados assumem que não estavam preparados, admitindo a má surpresa: “Surpreende-nos a nós, mas nada disto surpreendeu nosso Deus, e acho que nós fomos abençoados mesmo durante esse tempo em que chorávamos e sentimos saudade” (Entrevistado David). Não havia uma ideia certa do que iria acontecer “Ninguém estava

há espera deste acontecimento”, David, até afirma estar fora do país e não saber bem o que fazer à distância. Observamos nas entrevistas que todos os pastores foram apanhados de surpresa: “As instruções governamentais começaram a surgir durante a pandemia e nós todos sabemos e assumimos e o próprio governo assume que passámos de uma situação de zero medo em que isto nunca chegaria a Portugal para de repente vamos fechar tudo e as igrejas sofreram também com isso porque as igrejas eram um local de reunião de pessoas e pessoas com muito contacto tal como estavas a referir” (Entrevistado Igor). Alguns ainda é possível perceber que tentaram de quase tudo para evitar fechar. Tentaram reunir com direção, obter segundas opiniões e ver até que ponto a “obrigação” de fechar não iria contra a lei da liberdade religiosa: “Eu... Houve aquele temor por um lado eu particularmente ainda estava reticente em fechar estava bastante reticente em fechar eu não queria mesmo fechar eu reuni-me eu convoquei uma reunião de liderança e enquanto estávamos na reunião de liderança nós já tínhamos recebido a comunicação da Aliança Evangélica. Enquanto estávamos na reunião já tinha pelo menos metade das pessoas queria que se fechasse perto de metade, mas havia houve uma pessoa que foi muito vocal foi muito vocal, muito enfática que achava que nós devíamos fechar independentemente do que fossem outras sugestões e nesse contexto pronto, eu acabei por decidir que nós iríamos fechar. Mas como eu disse na reunião recebemos um e-mail da convenção e li para os irmãos e então decidimos, acordarmos fechar eu confesso que temia um bocadinho o que viria aí até no sentido de que tinha uma esposa minha esposa estava grávida nessa altura” (Entrevistado Igor). Em contrapartida, houve outros pastores que explicam que não tiveram qualquer dificuldade em aceitar as recomendações que foram transmitidas pelo ministério da saúde e pelo governo, por exemplo, o pastor João diz que “a nossa igreja foi uma das igrejas que respondeu ou aceitou o confinamento de uma forma bastante rigorosa, ou seja, houve confinamento, nós não tivemos qualquer atividade presencial. Portanto, nos períodos de confinamento, tanto no primeiro quanto no segundo, a igreja esteve encerrada e nós fomos bastante rigorosos em seguir todas as instruções que foram dadas através do Ministério da Saúde” (Entrevistado João). Outra vez observamos que existem diferenças nas decisões que foram precisas ser tomadas. Percebe-se que todas as igrejas acabaram por aceitar as indicações e recomendações, mas claramente algumas tiveram mais dificuldade ou mais resistência a aceitar. A necessidade de pensar no próximo e nas condições da igreja e dos seus membros é uma responsabilidade do pastor, sendo que este é um líder e um guia. Portanto, se o pastor é

chamado a cuidar da sua igreja, tem de assumir estas responsabilidades e decisões perante a igreja.

Além da necessidade de encerrar as igrejas para evitar contaminações e focos, as igrejas, mesmo de porta fechadas, não pararam de fazer as suas atividades, pelo menos as mais regulares, como cultos e reuniões de oração. É compreensível pelas entrevistas que nem todas as atividades “sobreviveram” a esta fase, vemos alguns pastores explicar que algumas atividades precisavam mesmo de ter presença das pessoas, algumas cerimónias como ceia, batismos, casamentos entre outras.

Os pastores das igrejas que transmitiam o culto via Youtube ou Facebook, assumem que não conseguiam ter um controlo nas assistências, sabiam por dados estatísticos a quantidade de visualizações e conexões, mas não conseguiam saber quantas pessoas estava em cada ligação: Isso trazia a incerteza de saber até que ponto havia mais ou menos pessoas a assistir ao culto. O pastor João afirma que por causa do culto ser transmitido no Youtube esses valores são irregulares, mas que, curiosamente, representava um pouco de domingos presenciais: “quando é transmitido não tem uma noção mais ou menos de quantas pessoas assistiam online aos cultos, nós tínhamos visualizações temos uma noção das visualizações que rondavam as 200, 200 e pouco mais curiosamente replicavam um pouco aquilo que era a prática habitual”, “lembro-me de manhã as visualizações andariam na casa dos 200 e qualquer coisa e na tarde 100 e qualquer coisa” (Entrevistado João).

A obrigação da transmissão online foi um processo que os pastores admitem não ter sido fácil, especialmente para as igrejas que não tinham nenhuma presença online. Na entrevista exploratória, um pastor de 65 anos, admite que teve imensa dificuldade a passar a usar as novas tecnologias; este pastor desde 1985 que tem como profissão ser pastor, e nunca teve de se preocupar com o online, afirmando que passou por várias fases na pandemia, começando pelas transmissões no Facebook, depois fazendo em simultâneo com o Youtube, até começar a usar o software Zoom. E não só este pastor, mas os restantes pastores entrevistados, também começaram a usar o mesmo software para reuniões e encontro mais pequenos: “Olha não consigo dizer aos cultos porque nós disponibilizávamos no canal YouTube e não temos não tenho esses números. Depois do culto ser transmitido, nós tínhamos a Escola Bíblica Dominical para as Crianças, via Zoom, e o grupo era muito pequeno, 15, 20 pessoas seria muito mais do que isso e à tarde nós fazíamos para adultos que também andaria num grupo de ligações de 20, 25 ligações, que poderiam significar mais pessoas de família” (Entrevistado David). Outro pastor

confirma esta dificuldade em saber a assistência durante os cultos; trata-se do pastor Nuno, que, além das assistências, outro aspeto que destaca é a interação: “Na quinta-feira, via Zoom; Desculpa no domingo como é transmitido até hoje é transmitido Facebook e Youtube ao mesmo tempo nós usamos as duas plataformas ao mesmo tempo. No culto de domingo não havia interação, como a interação da quinta-feira por causa do Zoom, mas havia uma oportunidade das pessoas, no comentário, compartilhar algum motivo de oração” (Entrevistado Nuno). Já o pastor André mostra a tal dificuldade que alguns fiéis tiveram em aprender a usar o software zoom, mas fala de uma “recompensa” positiva, dizendo que “E depois, pronto, alguns não tinham acesso ao Zoom, nomeadamente as pessoas mais idosas, que têm muita dificuldade. Mas, em contrapartida, pessoas até de outras igrejas aproveitavam-se para estar connosco e até mesmo de zonas geográficas completamente distantes de nós.” (Entrevistado André), mesmo com a dificuldade dos idosos, havia outras pessoas que acabam por se juntar.

Como já deu para compreender, a importância da comunhão e da interação entre fiéis, irmãos e membros “O culto precisa e deve ser presencial. A atividade realizada online é sempre um substituto pobre, porque por mais que nós possamos sentir que de alguma maneira estamos presentes, nunca é a mesma coisa” (Entrevistado João), é uma das partes muito importantes para as igrejas evangélicas baptistas portuguesas, então esta falta de interação, esta falta de comunhão também foi sendo afetada ao longo do tempo. O pastor Igor, na entrevista, ao ser questionado sobre a importância dos cultos presenciais e da necessidade de comunhão responde: “a própria palavra Eucaristia significa comunhão nós não podemos ter uma plena comunhão se nós estamos longe uns dos outros e não estamos a olhar uns para os outros” (Entrevistado Igor).

Olhando agora para o tempo de pandemia em que as igrejas começaram a reabrir, vamos ver algumas diferenças nas igrejas que resultaram deste interregno nas atividades presenciais.

Como já referido, a comunhão é um momento muito importante para as congregações baptistas em Portugal, e quando a reabertura começa a ser permitida, existe uma dualidade de sentimentos. Nas entrevistas dá para compreender que o primeiro impacto com a permissão para a reabertura é positivo, mas que acabam por ter um medo e uma responsabilidade de obedecer a mais uma enorme quantidade de regras e restrições, os pastores compreendem que são necessárias para evitar contaminações e para proteção da

congregação, mas essas restrições vão trazer uma grande quantidade de mudanças que tinham de ser aplicadas imediatamente para que as portas pudessem ser abertas.

Este seja talvez o momento em que mais se encontra uma homogeneidade nas respostas, onde todos os pastores concordam em “arrumar” as igrejas da maneira aconselhada para dar início aos serviços religiosos presenciais:

“À medida que o Estado permitiu o regresso às instalações, mas com a utilização de máscara e distanciamento, nós organizamos o nosso salão de maneira a ter o número de pessoas possível, eu não me lembro exatamente agora quantas estariam, mas eu imagino que aí talvez 50 a 70 pessoas” (Entrevistado João).

Das mudanças que vemos acontecerem em todas as igrejas é a redução de crentes nos salões de culto:

“nós fazemos dois cultos nesse tempo há um intervalo de meia hora entre os dois cultos para arejar todo o ambiente para limpar todo o ambiente desinfetar”, “Colocamos praticamente todas em prática para nós tranquilo ou seja, acabou por ser um processo até fácil de aceitar para a direção. Sim, sim, porque é assim, era uma coisa nova para toda a gente, mas aquilo que foi proposto pelo governo fazia sentido” (Entrevistado Diogo).

“Os limites que nos foram colocados não foram para prejuízo das pessoas, mas foi para o nosso benefício. Houve algumas pessoas que pensam de outra maneira daquela que eu penso e têm liberdade e legitimidade para o fazer. Mas eu confesso, eu sempre entendi que, olha, se nós temos de passar por isto é porque se calhar é o melhor para o momento que nós estamos a viver, que é um momento de desconhecimento.” (Entrevistado David).

“o abrir porta foi sempre, nas duas vezes em que nós fomos libertos do confinamento, foi algo de muito satisfatório. Mesmo quando foi, inicialmente, com todas as restrições, de nós não podermos estar à vontade, as pessoas não se poderem saudar, um dos momentos bonitos

e importantes do nosso culto tem sido, sido já de uns anos para cá, o momento da saudação. Que é o momento em que nós nos saudamos, nos abraçamos, nos beijamos e pronto, no início estávamos ali separados uns dos outros. O máximo que podíamos fazer era acenar todos de máscara. Mas mesmo assim já havia uma satisfação muito grande das pessoas de poderem estar ali claro que nunca era igual, não se conseguia cantar da mesma maneira, cantar com máscara é muito difícil mas pronto, mas as pessoas já se viam, já os olhos já se olhavam olhos nos olhos, já se trocava aquele calor humano já era diferente quando somos verdadeiramente libertos para poder estar à vontade uns com os outros a satisfação é muito grande, porque a força da comunidade está também nestes momentos de celebração.” (Entrevistado João).

Algumas destas igrejas chegaram a publicar nas suas redes sociais diversas imagens explicativas como iriam funcionar os cultos à distância (Anexos 5-10), como iria ser o regresso às instalações e até dicas e ajudas para saber como lidar com a pandemia através de casa.

A necessidade de as igrejas assumirem as recomendações das instituições governamentais para que as portas abrissem foi um processo que deu muito trabalho e trouxe muita mudança. As igrejas passaram praticamente a poder receber 50% da sua lotação, tal como é dito nas entrevistas, isso obriga a um cuidado extenso com os bancos e assentos nas igrejas. Mas é preciso lembrar que não só a quantidade de pessoas foi alterada, mas também a limpeza, higienização, arejamento e o cuidado com mascaras e desinfeção das mãos. As igrejas precisaram de começar a gerir com todo o cuidado as entradas, movimentos, e saídas dos crentes: Numa das entrevistas o pastor refere o modo de como as entradas e saídas eram organizadas:

“as pessoas tinham que fazer pré-inscrição, à medida que iam chegando, iam sendo instaladas pela equipa de receção, com o devido afastamento nos vários bancos e na hora da saída, também a saída era feita de forma ordenada, ou seja, saía fileira por fileira com intervalo para que as pessoas não estivessem aglomeradas, apesar de estarem a usar a máscara, sempre com a utilização do gel na entrada e na saída” (Entrevistado João)

A própria necessidade de pré-inscrição, que não é referida só por um dos pastores, é algo novo que nem sempre facilitava o processo, principalmente para os mais idosos. Das 6 entrevistas só um pastor não precisou das inscrições, pois a sua igreja tinha instalações para receber os crentes todos com o espaçamento necessário. As igrejas organizavam

estas inscrições de formas diferentes, algumas fazia via redes sociais, onde os fiéis poderiam reservar o seu lugar no salão com facilidade, outros faziam via mensagem direta com o pastor ou então faziam de domingo para domingo a partir de inscrições com 7 dias de antecedência. Este cuidado não só era importante e vital para a igreja poder funcionar, mas também para controlo e proteção caso existisse algum problema com contaminação. Nas entrevistas, os seis pastores não referem problemas com focos pandémicos ou problemas com alguma autoridade civil.

Por fim é importante também olhar para as atividades e ministérios que sofreram com esta pandemia e restrições. Sendo que estas igrejas têm os mais diversos ministérios em funcionamento e que acabam por dar uma certa vida à igreja, com a impossibilidade de estarem juntos, muitos deles acabaram por cessar ou então ficaram em pausa por tempo indeterminado. Atualmente já muitos podem ter voltado ao ativo, mas isso será falado e analisado mais adiante quando a análise passar para a fase pós-pandemia. Mas em tempo pandémico, alguns pastores acabaram por não fazer EBD (Escola Bíblica Dominical) ao início, talvez por falta de facilidade com as novas tecnologias, enquanto outro começaram assim que puderam a usar o zoom para conseguir manter. Esta atividade acontece ao domingo, normalmente antes dos cultos. Como é um momento mais de estudo, costuma haver mais participação dos fiéis, mas menos fiéis estão presentes. Então, como já falado acima, alguns pastores optaram por manter os cultos em transmissão online via Youtube ou Facebook, mas com a necessidade de participação dos crentes na EBD começaram a utilizar o zoom e a fazer em horas diferentes. Além destas duas atividades regulares ao domingo, os pastores também referem os cultos de oração, reuniões mais pequenas, mais curtas, que ocorrem normalmente numa noite durante a semana, estas reuniões também passaram para o zoom, sendo que é um pequeno serviço que muitas vezes é mais caseiro, serve para um grupo mais pequeno de fiéis, ficaram pela privacidade que o Zoom consegue oferecer que não é possível ter no Youtube e no Facebook. Alguns destes momentos mais pequenos mantiveram-se via distância para facilitar a participação de mais pessoas.

Um dos momentos mais importantes para a igreja baptista é o momento do memorial da ceia do Senhor. Este é um momento onde a igreja relembra a última ceia que Jesus tomou com os seus discípulos e regularmente é lembrado e celebrado no primeiro domingo de cada mês. Nesse momento é distribuído pão e vinho para os membros de igreja e celebra-se assim o momento da ceia. Durante a pandemia, este momento foi por alguns pastores

suspenso, pois é o momento que mais envolve comunhão entre fiéis, mas por outros ainda havia a tentativa de realizar mesmo à distância. Um dos pastores conta que durante a pandemia celebraram a ceia via zoom, onde cada fiel tinha o seu pão e o seu vinho e celebrava em sua própria casa:

“Nós continuávamos a fazer a ceia, cada um enchia o seu copinho em casa e partia o seu pãozinho em casa. E na hora o pastor, pela internet, culto online, o pastor celebrava a ceia, nós participávamos do pão, nós participávamos do vinho e nós não deixamos de ceiar por causa disso” (Entrevistado Diogo).

Mesmo que o pastor Diogo tenha continuado a ceia online, o exemplo do pastor João já é completamente o oposto; na entrevista, afirma que:

“nós tentamos fazer, tentamos não, nós realizamos uma experiência de ceia através do Zoom. Para nós não foi uma boa experiência. Não senti que ela tivesse funcionado.” (Entrevistado João).

Enquanto que, para o pastor Diogo, este tempo de celebração da ceia online até foi um momento que lhe trouxe alguma felicidade;

“Para mim foi muito fixe essa ideia de ceiar dessa maneira online, porquê? Porque a comunhão está mantida, a comunhão vai além do presencial. O espírito ele vai além do presencial, esta é a minha observação, eu sei que eu tenho colegas que não concordam com isso.” (Entrevistado Diogo).

Mesmo com estas diferenças, os pastores assumem a importância de haver este culto, este memorial, os pastores mostram que para alguns o online não foi impedimento, mas para outros nem foi questão. Mas com a abertura dos salões de culto começou a haver uma tentativa de regressar à celebração da ceia de uma forma presencial, mesmo que muito diferente do habitual, pois havia todo um cuidado muito maior com a contaminação e com a distribuição dos elementos, pão e vinho; só a possibilidade da presença física já fazia toda a diferença. Nas entrevistas, os pastores explicam que as mudanças que foram feitas acabaram por se demonstrar funcionais, mesmo que não perfeitas, mas funcionais;

“A nossa primeira ceia, depois da abertura, da possibilidade da presença, foi feita através de um método muito assético. Tentamos que a coisa fosse feita o mais sem risco de contaminação. O pãozinho estava embrulhado num pequeno pedacinho de papel para que a pessoa não pegasse o pão diretamente, mas pegasse o rolinho, digamos assim. Eu senti

que apesar de haver participação e foi bom, podemos realizar a ceia novamente, para mim e para uma outra pessoa com quem falei, o especto, este especto assético, ou seja, este especto de preocupação com a não contaminação, acabou por suplantar um pouco a liberdade de nós podemos estar a celebrar a ceia do Senhor.” (Entrevistado João)

Outras igrejas também tiveram a mesma decisão, de fazer esta distribuição com o maior cuidado possível entregando o pão com uma pequena tenaz a cada membro para não haver toque nas bandejas nem riscos.

Pós-Covid

Depois de analisar o tempo pré e durante pandemia, foi analisado o tempo pós-pandemia, este momento já vai ser um momento em que as restrições foram levantadas, em que as máscaras deixaram de ser obrigatórias ou que os salões de culto deixaram de ter restrições a nível de quantidade de pessoas. O momento em que todos nós esperávamos, mas um momento em que os próprios pastores também esperavam com alguma ansiedade. Vamos analisar três subtópicos na questão do pós-covid. Vai ser analisado o que aconteceu com as igrejas e com as congregações, como é que estas reagiram, como é que os cultos começaram a acontecer, as atividades regulares que foram recomeçadas ou as que acabaram por não continuar. Depois vão ser analisado os impactos, onde se aborda o que aconteceu com a igreja diretamente relacionado com o covid, aquilo que mudou e mais foi impactante para as igrejas, líderes e seus fiéis. E por fim, uma parte mais direcionada para os pastores que deram as entrevistas, será analisado o que achavam que iria acontecer com a igreja, e as repercussões que isso tem nas suas vidas pessoais e profissionais, pois não nos podemos esquecer que estes líderes também são maridos, pais e alguns profissionais noutras áreas.

A primeira reação dos pastores em geral nas entrevistas é celebrar com a congregação, é a possibilidade de terem o momento de cumprimentar, o momento de se abraçarem ou até de poderem ter uma refeição em conjunto, acaba por ser muito importante. Isso não implica que tudo tenha recomeçado tal como estava antes, após tanto tempo de encerramento, mas que finalmente se poderia começar uma recuperação daquilo que estava “ferido”. Os pastores, nas entrevistas, voltam a frisar regularmente a importância da presença física nos espaços de culto, referem regularmente que a igreja como uma família precisa do seu espaço e do seu local onde possam estar sem preocupações, sem limitações relacionadas com a pandemia. Assim que foi perguntado ao pastor João o que achava a nível de importância de o espaço físico estar aberto sem restrições outra vez,

este responde: “o culto precisa e deve ser presencial. A atividade realizada online é sempre um substituto pobre, porque por mais que nós possamos sentir que de alguma maneira estamos presentes, nunca é a mesma coisa.”, e ainda acrescenta, dizendo:

“é claro que a palavra de Deus, nós entendemos que é a palavra, ela é que faz a diferença, mas o culto presencial tem a ver com a presença do Espírito Santo entre nós, portanto nós compreendemos que isto não tem substituto por meios tecnológicos, por mais extraordinários que sejam, por mais bem organizada que seja a tecnologia de uma igreja que consiga replicar um culto digamos agradável em termos tecnológicos nunca é a mesma coisa portanto o abrir porta foi sempre, nas duas vezes em que nós fomos libertos do confinamento, foi algo de muito satisfatório” (Entrevistado João)

Compreende-se aqui o quão importante é para a igreja ter o presencial liberto, ter a capacidade de sentir a comunhão. Um dos pastores diz que tiveram de passar a realizar dois cultos porque a assistência estava a aumentar e estavam a ficar sem espaço, e isso acabou por impulsionar um crescimento ainda maior:

“Inicialmente era um culto ao domingo, mas nós temos, nós tínhamos uma tendência, ou seja, nós tínhamos uma frequência, esta é a palavra de cerca de 140 pessoas no nosso templo não cabia mais. Nós fizemos um teste fazer dois cultos a igreja aprovou e nós passamos a ter uma frequência juntando os dois cultos na casa das 180, 190 pessoas na escola dominical nós reparamos um aumento da frequência também” (Entrevistado Diogo).

É algo que torna a questão muito interessante de ser explorada, porque depois de uma pandemia onde as igrejas fecham, onde a necessidade da comunhão pessoal passa quase a secundário à força, na altura de recuperação a igreja mostra um crescimento. Este crescimento é transversal a todas as entrevistas; nem todos os pastores acham que seja por causa do covid, mas compreendem que houve uma mudança com o terminar das restrições. O pastor David diz: “olha, eu continuo a dizer que houve perdas pessoais, mas houve bem mais ganhos do que perdas na globalidade quando nós saímos da Covid. Eu acho que como igreja nós saímos mais fortes” (Entrevistado David), acreditando que estes tempos mais complicados que a igreja passou acabaram por ajudar a igreja a crescer não só em número, mas em comunhão. O pastor João diz que não relaciona o crescimento da igreja com a questão pandémica, mas reconhece que neste momento o salão encontra-se completamente cheio, e que até necessita de acrescentar cadeiras:

“Dominicalmente temos cerca 240 a 260 pessoas no salão, o que é manifestamente o seu limite máximo, já com muito esforço. Ou seja, tem que se trazer muitas cadeiras para juntar aos bancos, não fica muito estético, nem muito bonito, mas pronto, para conseguir ter as pessoas sentadas” (Entrevistado João)

Mesmo que o pastor João acredite que não seja impacto direto do covid, reconhece que houve outras mudanças na igreja positivas que já estão relacionadas com a pandemia: “o envolvimento de liderança. Nós temos mais gente a participar nos ministérios, mais líderes a fazerem o trabalho.”, “Um aspeto que talvez esteja ligado ainda à pandemia foi o desenvolvimento do nosso Ministério de Tecnologia. O nosso Ministério de Tecnologia tem crescido e tem se desenvolvido bastante” (Entrevistado João). Além deste ministério ter crescido, também diz que o trabalho com adolescentes e com homens acabou por começar com força; um trabalho que nunca tinha passado da fase embrionária, agora, após o covid começou a ganhar força e lugar na igreja.

O pastor Nuno diz que “houve um crescimento da igreja, um desenvolvimento da igreja, e hoje nós temos aqui a igreja completa, cheia, talvez uma assistência em torno de 120 pessoas dominicalmente, enche praticamente o nosso espaço de culto todo, mas tem aí umas uns 15% a 20% da igreja novo que chegou depois do Covid” (Entrevistado Nuno). Este pastor admite que muito deste crescimento deu-se à presença da igreja online, que pessoas que iam assistindo aos cultos online, acabaram por se conectar com a igreja e acabaram por aparecer depois do covid, e muitos deles foram ficando. O pastor chega a afirmar que até chegava a ser estranho as pessoas chegarem e conhecerem o pastor e este não ter noção de quem estava a chegar. Este crescimento que o pastor Nuno fala acaba por não ser um crescimento só por membros estrangeiros que se mudaram para Portugal, que também é um fator importante para o crescimento das igrejas em Portugal, mas sim Portugueses que chegaram a conhecer a igreja graças aos cultos online:

“E até hoje, nós às vezes recebemos pessoas, esse ano mesmo eu recebi pessoas que primeiramente nos acompanharam meses online sem se identificar para depois vir para a nossa igreja. E não estou a falar de estrangeiros, estou a falar de portugueses” (Entrevistado Nuno)

Igor, o pastor da igreja mais pequena entrevistada, fala também de um bom crescimento, algo que se tem vindo a acentuar com o passar o tempo, mas que nos últimos meses tem vindo a se notar cada vez mais:

“Atualmente está é uma média oscila ali entre os 50 e qualquer coisa e os 60 e muitos 70 por aí. Tem sido esta assim a oscilação é mais ou menos entre os 50 e qualquer coisa e assim num dia assim atípico chegar a estar nos 70 e poucas pessoas mais ou menos esta nossa oscilação atual. Que sim, que tem crescido nos últimos dois meses em particular tem crescido nos últimos dois meses em particular” (Entrevistado Igor)

É importante lembrar que este pastor encontra-se na igreja que esteve perto de fechar, que chegou a ter cultos com 7 a 8 pessoas, e agora encontra-se com uma oscilação entre as 50 e 70 assistências. O pastor André diz que das coisas mais importantes para conseguirem ultrapassar a fase da pandemia foi mesmo o cuidado que a igreja tinha: “a igreja não fechou portas. A igreja manteve as portas abertas; o que fechou foi o edifício onde a igreja se reúne. Portanto, esta diferença, quanto a mim, também fez toda a diferença, porque as pessoas sentiam que havia cuidado; portanto, isto é uma igreja que cuida, uma igreja que cuida de si própria” (Entrevistado André), e este cuidado foi mostrado não só aos membros e aos fiéis, mas também aos de fora e isso acabou por impactar a sociedade à volta da igreja e os familiares dos fiéis.

Como referido acima, as igrejas não conseguiram voltar como estavam antes do encerramento, é preciso compreender que houve mudanças nas igrejas, houve saída de membros, entrada de outros, houve falecimentos, novas tomadas de liderança ou até pessoas que deixaram de se comprometer. Em todas as entrevistas vemos que houve certos ministérios e atividades que cessaram de existir. O pastor João, que tinha muitas atividades, pastor da igreja que estava cerca de 5 dias por semana aberta, refere:

“Perdemos gente, perdemos casas, perdemos irmãos que faleceram, deixaram de ter condições de receber e nós não conseguimos, desde então, suprir esta brecha. Eu diria que estamos neste momento começando a recuperar, nós voltamos a funcionar, nós tínhamos na altura 15 grupos familiares a funcionar, nós quando voltamos a funcionar voltamos com 6” (Entrevistado João).

Por mais que as igrejas tenham conseguido retirar alguns aspetos positivos que a pandemia trouxe, houve sempre dificuldades. Para o pastor André, uma das maiores dificuldades, que ele não esperava, foram os jovens e a sua participação: “com a malta jovem já foi um pouco mais complicado, porque a rapaziada nova, que até domina mais as tecnologias, afastou-se mais, com grande pena nossa” (Entrevistado André)- Enquanto isso, as novas tecnologias também serviram para mostrar às pessoas de fora alguns aspetos mais desconhecidos das igrejas baptistas. O pastor Nuno diz que o online ajudou

imenso a desmistificar algumas coisas: “então, porque queriam desmistificar o que é essa igreja protestante, essa igreja baptista, essa igreja evangélica. E por ver os cultos, perceberam que não era um bicho de sete cabeças, não havia nada que iria acontecer aqui que ela iria se sentir constrangida” (Entrevistado Nuno), o que acaba por ajudar a cumprir parte do objetivo da igreja que já foi referido acima, e encontra-se também no glossário, que é espalhar o evangelho de Jesus.

Mesmo com as dificuldades em recuperar dos eventos pandémicos, o pastor André refere que o ministério que mais cresceu, e mais tem feito a diferença nestes tempos, é o ministério das senhoras, onde estas se juntam para terem tempos de oração, estudo bíblico e também de trabalhos manuais, mas não são trabalhos manuais quaisquer nem só para passar o tempo. O pastor explica:

“E, além de ter o seu tempo de meditação e de estudo bíblico, fazem vários trabalhos manuais que agora, inclusivamente, se estão a refletir em coisas que estão a ser levadas para os hospitais, nomeadamente para crianças. Elas entretêm-se a fazer botinhas de bebés, gorros e tudo mais. E, ainda a semana passada, foram ao Hospital de Caldas da Rainha, hospital pediátrico, e levaram um cesto cheio de gorros, sapatinhos e casaquinhos para os bebés pequeninos, que muitas vezes não têm nada quando nascem. E então, o próprio hospital agradeceu exatamente a nossa iniciativa, e isto foi fruto do trabalho com as senhoras.” (Entrevistado André)

Este trabalho das senhoras é claramente fruto dos impactos do covid, era um ministério não muito desenvolvido que acabou por crescer, e agora tem vindo a trabalhar para também poder abençoar outros que pouco têm, e para o pastor só isso já valeu a pena o tempo de luta contra a pandemia.

Compreendemos que nem todas as igrejas passaram pelos mesmos impactos, o que dá a entender é que o crescimento que tem vindo a acontecer, pode não estar completamente relacionado com o covid e a pandemia, mas que após este tempo pandémico todos afirmam que houve crescimento, ao mesmo tempo todos afirmam dificuldade em recuperar as atividades regulares. A necessidade forçada de se adaptarem com novas tecnologias foi para alguns fácil e recompensador, para outros foi complicado e gerou ainda mais problemas e confusões. Entende-se pelas entrevistas que os impactos não foram os esperados; o medo de perder pessoas para a doença também é algo transversal aos vários entrevistados, a incapacitação ou falta de controlo sobre a doença acabou por atormentar alguns dos pastores. Apesar disso, entre os entrevistados, muitos poucos

perderam pessoas para a doença por falecimento, e, se perderam, acabou por ser por regresso ao país natal ou por mudanças de casa e cidade.

Claro que existe sempre a parte da fé para os fiéis que é muito importante, a ideia de uma paz diferente que muito sentiram durante a pandemia está relacionada com a sua fé e as suas crenças. Os pastores afirmam isso mesmo, que continuavam a ter fé e confiança que tudo isto iria passar e que os resultados seriam aqueles que Deus quisesse e não os resultados que os homens esperavam. Isso acabou por ser relevante nas alterações e mudanças forçadas que as igrejas passaram, no seu crescimento, nas melhorias que vieram a acontecer. Neste momento quase todas as igrejas têm alguma presença online, quase todas as igrejas acabaram por pelo menos na parte das novas tecnologias aprender algo positivo.

Estes impactos acabaram por ser uma grande surpresa para a maioria dos pastores e para muito fiéis, muito porque o negativismo que se vivia na altura afetava algumas decisões e algumas posturas que as pessoas estavam a tomar.

Agora sobre o pós-pandemia falta analisar e abordar a perceção e impacto pessoal em cada pastor e congregação. É uma parte um pouco mais “pessoal” para os pastores onde todos concordaram em falar, o que vai ser possível verificar agora é as ideias que alguns tinham do que viria a acontecer após a pandemia e aquilo que na realidade aconteceu.

Alguns pastores tinham outras responsabilidades e outros empregos mesmo antes do covid e tiveram de aprender a gerir todas as áreas da melhor maneira possível. Assim que começamos a falar sobre as perceções e impactos, os pastores referem as questões familiares, explicando que muitas vezes para eles pode não ter sido tão difícil passar a fase de confinamento. O pastor Diogo refere:

“É engraçado. Toda a gente fala que a pandemia foi horrível e tal. Eu não tenho essa perceção. A única coisa mais chata foi ter de ficar em casa e não poder sair para praticamente nada, mas eu ainda tinha a bênção de poder sair para ir ao supermercado era a minha responsabilidade familiar, era eu que saía e pronto, acho que para a minha esposa se calhar ainda foi um pouco mais pesado. Mas para mim, não acredito que tenha sido uma coisa complicada” (Entrevistado Diogo)

A forma como se olha para a pandemia e os confinamentos é completamente diferente, e isso impacta as pessoas de forma diferente, não só a nível familiar, mas a nível de igreja. O pastor David diz que para si o que mais o assustava era “perdermos um pouco da nossa

identidade. da nossa cultura de igreja de estarmos juntos as pessoas se habituam online como é que é? Será que isto vai mudar o nosso hábito?” (Entrevistado David). A identidade que caracteriza a igreja e os fiéis era algo que se podia perder com a falta da comunhão e proximidade; para o pastor David, não era tanto o receio no tempo de confinamento em casa, mas sim o que aconteceria com a igreja.

O pastor que mais falou sobre este impacto e a ideia do que iria acontecer foi o pastor João:

“Eu creio que a pandemia trouxe-nos algumas coisas interessantes. Por exemplo, a pandemia deu-nos um ligeiro insight do que será a Igreja perseguida, porque de repente os crentes não podem participar nos cultos estão isolados nas suas casas não têm contatos uns com os outros sentem falta disso percebem a necessidade disso e isto facilitou a compreensão da realidade da igreja perseguida no mundo, ou seja, os lugares do mundo onde os irmãos em Cristo não podem se reunir e são muitos, são muitos lugares, são muitos, muitos crentes em muitos lugares do mundo assim” (Entrevistado João)

Esta ideia de que o pastor fala sobre o *Insight* da igreja perseguida acaba por ser interessante, nenhum dos outros pastores falou sobre isso, mas o pastor João acha que esta fase que a igreja passou deu para perceber um pouco do que seria viver num desses países onde não existe liberdade, a ideia de que de repente a liberdade lhes é retirada sem previsão de voltar a ter essa liberdade. Isso pode ter ajudado a que algumas igrejas e fiéis tenham assumido que a liberdade que têm é muito valiosa e terem começado a ter um compromisso diferente perante a igreja. Para completar, o pastor ainda diz a este respeito, que “por outro lado, também foi positivo o percebermos a importância da comunidade, a importância do culto presencial, a importância de estarmos uns com os outros, porque não estávamos e de repente sentíamos falta” (Entrevistado João).

Um dos pontos que o pastor afirma ter sido mais negativo para ele é a facilidade com que a igreja tem de ceder perante as autoridades. O pastor diz, na entrevista, que “do ponto de vista, não sei se posso chamá-lo negativo, mas eu diria um pouco preocupante, foi nós percebermos o quão frágeis somos diante daquilo que são as autoridades. Estamos num mundo chamado democrático, mas nós recebemos uma ordem de cima a mandar fechar e ponto final parágrafo” (Entrevistado João). Este medo acaba por ser compreensível, visto que a Igreja é separada do Estado, e existindo uma lei da liberdade religiosa, o pastor vê esses direitos “retirados” com alguma facilidade. O pastor não diz que nunca fecharia a

igreja em caso de ordens, mas que sente que foi muito fácil as ordens chegaram sem existir conversa ou debate. O grande medo do pastor era que:

“Sentido aqui um gostinho do poder simplesmente fechar tudo e mandar as pessoas para casa. E nós vivemos um tempo em que se fala, talvez como nunca antes, de liberdade e tolerância, mas em que se vive cada vez menos liberdade e tolerância. E isto diz respeito particularmente à perspectiva cristã, que é conservadora, que tem um perfil chamado fundamentalista, em que toda a gente pode dizer o que crê e toda a gente tem direito de apresentar a sua posição, parece que menos nós, não é? Todos podem falar e temos que aceitar o que toda a gente diz, mas quando nós falamos da nossa fé somos chamados de trogloditas e, enfim, medievais, etc, etc, etc. E isso preocupa-me porque, enfim, não sei se é o futuro da igreja será de alguma maneira nós temos que nos preparar para isto a igreja teve uma pequena noção do que isto pode ser não sei se estamos preparados, acho que ainda não mas são pensamentos apenas” (Entrevistado João)

É uma citação que já entra em outras áreas mais complexas, mas que, mostrar um pouco do receio e talvez até revolta sobre como as igrejas têm sido tratadas nos últimos tempos, é uma citação que acaba por nos dar a entender que existe um certo tipo preocupação com o futuro, não só da igreja onde o pastor João é líder, mas também dos fiéis em geral.

Esta perceção acaba por ser a mais diferente de todos os outros líderes. É certo que o pastor João também teve algum receio pelos fiéis da sua congregação, falecimentos ou afastamentos da fé durante tempos de confinamento, mas o seu maior receio estava nos crentes/fiéis em geral, não só da sua igreja.

Já a perceção que o pastor Nuno teve foi muito diferente. Não falou sobre a questão da liberdade ou da tolerância, mas sim dos encerramentos e o que isso fez com a sua congregação; ele mostra que perdeu alguns membros da sua congregação, não por falecimento ou por afastamento da fé, mas sim porque nem todas as igrejas na zona aceitaram encerrar as portas no segundo confinamento: “e nesse segundo momento de ter sido uma sugestão, a nossa liderança como igreja acatou a decisão que deveria se manter fechada. Mas havia outras igrejas, sobretudo étnicas, na cidade, que optaram por estar aberto. Então, sobretudo essa comunidade brasileira que eu tinha na igreja, quando eu volto do Covid, eu não tenho grande parte deles” (Entrevistado Nuno). Estas pessoas que optaram por estar nas igrejas que não fecharam acabaram por ser aqueles que saíram, mas este pastor também já tinha afirmado que graças à tecnologia alguns portugueses

chegaram até às suas instalações. O pastor Nuno refere que também estava reticente em fechar, por causa de algum receio:

“Eu achava que poderia ser um mal muito grande para a igreja. Eu só fecho quando eu percebo que é mesmo uma decisão irrevogável, que nós não temos como fazer. Aí eu mando uma mensagem de última hora para os membros da igreja dizer que não haveria o culto no domingo. Mas no momento que a própria Igreja Católica também fecha, de uma certa forma, nós não tínhamos muita escolha, porque alguém já estava a concordar”
(Entrevistado Nuno)

Mesmo que o pastor Nuno tenha tido algumas reticências em fechar, e algum receio na área da perceção do que aconteceria, o pastor também acaba por identificar pontos que foram positivos, pontos que acabaram por valer a pena o encerramento: “eu acho que a grande lição do Covid que nós poderíamos tirar era uma igreja aberta para a sociedade. Uma igreja que partilhe a fé, não apenas entre quatro paredes”. A ideia de que quando a igreja fecha a porta é quando ela abre paredes para a sociedade acaba por ser um ponto de interesse. Quando menos se esperou, o pastor Nuno afirma que a igreja se tornou aquilo que nasceu para ser, a igreja se tornou um local “aberto”, enquanto fechado, para todos.

O pastor André, quando falamos sobre as perceções e dos impactos pessoais que o covid possa ter tido na sua vida, afirma que o gosto dele por silêncio de tempo de solidão para pensar o ajudaram a passar pela fase de confinamento. O pastor diz que estava em paz, que estava tranquilo. Mas mesmo gostando do silêncio e de passar tempo só, afirma que nunca esteve sozinho; não só tinha a sua família com ele, mas como tinha um grupo de outros pastores e amigos com quem falava todas as semanas, e isso o ajudou muito também:

“eu tenho colegas com quem falo todas as semanas e, portanto, colegas de vários pontos do país. E, portanto, muito embora eu não esteja só dedicado ao Ministério, eu tenho o cuidado de ir falando com vários colegas. E eu digo-te que por esse aspeto eu sou um felizado, porque nunca me senti sozinho, nunca me senti abandonado.; E, portanto, solidão foi coisa que nunca senti, não é? Muito menos abandono, não é? Até porque a própria igreja em si, é uma igreja amorosa” (Entrevistado André)

Dá para compreender que cada pastor entrevistado tinha uma visão diferente daquilo que podia ter acontecido, a questão do abandono, a questão de a igreja passar por perdas. Os pastores referem questões diferentes entre eles pois cada um tem a sua forma de ver a pandemia e cada um ultrapassou os confinamentos da sua maneira. Não existe uma forma

de dite como estes homens, que também são líderes tenham de reagir e lidar com a pandemia; cada um teve o seu momento de aprendizagem para lidar com a pandemia.

Conclusão

Como término da análise de dados, é possível compreender que estes homens e pastores são pessoas que passaram pelo momento da pandemia de formas diferentes, olharam para os desafios e para as dificuldades de formas diferentes, havendo muito pouca homogeneidade nas respostas. Enquanto uns tinham medo de que a igreja perdesse membros por falecimentos, outros tinham receio que a igreja perdesse pessoas na fé; enquanto uns já tinham as capacidades e ministérios prontos para as novas tecnologias, outros acabaram por ter muita dificuldade em lidar com as mudanças que a pandemia veio trazer.

Os pastores são homens diferentes uns dos outros, e mesmo que as igrejas façam parte ou pertençam à mesma organização, CBP, isso nunca os forçou a agir ou olharem da mesma maneira para o covid, nunca os forçou a tomarem decisões consoante os seus colegas ou amigos. A liberdade que os pastores têm foi também o que os ajudou a planear e pensar na melhor maneira de ultrapassar os confinamentos.

Como foi possível compreender, havia um medo geral do que poderia acontecer com a igreja. Além das entrevistas, entre outras conversas informais, a maioria dos pastores referia que chegava a haver algum receio de a igreja não voltar a abrir e as igrejas mais pequenas podiam passar por tantas dificuldades que poderiam acabar por não conseguir ressurgir depois de tanto tempo fechadas, mas pelas entrevistas compreendemos que isso não aconteceu. Mesmo com a igreja mais pequena, a igreja do pastor Igor, depois do confinamento começou a crescer, o que é diferente de muitos dos receios que havia na altura.

A nível da liberdade que o pastor João refere ter algum receio de perder, atualmente mantém-se, não aconteceu nenhum caso em que as igrejas tenham sido forçadas a fazer algo contra a sua liberdade. O receio e medo, por enquanto, não se tornaram realidade; pode parecer algo longínquo, ou até impossível de acontecer, mas o receio que o pastor partilhou, para ele, é muito real.

É possível afirmar que a pandemia e os confinamentos trouxeram mais coisas positivas do que os pastores esperavam. Mesmo que o processo de recuperação possa ainda não estar completo, todos eles observaram que houve mais pontos positivos, houve mais surpresas positivas do que aquilo que esperavam. É importante lembrar que quando os confinamentos aconteceram, ninguém sabia o tempo que as igrejas iriam estar fechadas,

ninguém sabia como seria a reabertura ou se iriam reabrir, portanto, os medos e receios são completamente compreensíveis, e em especial, a ideia de surpresa que os pastores tiveram com a reabertura também é compreensível.

Provavelmente, ainda não se sabe na sua plenitude todos os impactos que possam ter acontecido com as igrejas, mas os pastores afirmam que as coisas estão a recuperar, e que não desistiram mesmo dos ministérios que cessaram ou diminuíram.

Este estudo investigou o impacto da pandemia de Covid-19 nas igrejas evangélicas baptistas em Portugal, com foco nas experiências dos seus líderes durante o confinamento e na reabertura. As entrevistas realizadas revelaram que muitos líderes enfrentaram grandes desafios na adaptação às tecnologias digitais, além de sentir alguma sensação de isolamento e responsabilidade excessiva durante a crise, não só responsabilidade pela igreja e congregação, mas pela família também. Comparando as expectativas pré-pandemia com os resultados observados, percebe-se uma clara discrepância entre o que se esperava e o que efetivamente ocorreu.

Os resultados desta investigação corroboram e ampliam a compreensão teórica sobre a resiliência institucional em tempos de crise, destacando como as igrejas evangélicas, apesar das limitações tecnológicas e da falta de apoio externo, conseguiram manter uma coesão comunitária. As conclusões também desafiam a ideia de que os líderes religiosos estão sempre em posição de oferecer suporte. Mesmo quando disponíveis, a pandemia não permitia o deslocar e o apoio presencial, uma vez que muitos relataram uma falta de estrutura e preparo para lidar com a crise.

Este estudo traz uma contribuição original ao explorar um tema pouco investigado na literatura académica: o impacto da pandemia nas igrejas evangélicas baptistas portuguesas. A análise das respostas dos líderes religiosos durante a pandemia revela dinâmicas complexas e até então pouco estudadas, fornecendo novos *insights* sobre a capacidade de adaptação e a importância do suporte tecnológico e emocional nessas comunidades.

Embora esta pesquisa tenha gerado resultados importantes, algumas limitações precisam ser reconhecidas. A amostra de líderes entrevistados foi limitada a um grupo específico de igrejas evangélicas, por opção, pois o estudo estava focado nas igrejas da CBP, o que torna impossível de atribuir os resultados a outras denominações evangélicas. Além disso,

o uso de entrevistas semiestruturadas, embora tenha permitido uma exploração detalhada, poderia ter captado ainda mais nuances das experiências vividas.

Ao olhar para a possibilidade de pesquisas futuras, estas poderiam ampliar o foco para outras denominações religiosas ou até outras regiões geográficas para verificar se os resultados encontrados neste estudo são replicáveis em diferentes contextos. Além disso, seria interessante explorar mais profundamente os efeitos de longo prazo da pandemia sobre as práticas e dinâmicas comunitárias nas igrejas, especialmente com o retorno gradual às atividades presenciais.

Em conclusão, a pandemia da Covid-19 trouxe à tona a necessidade de um olhar mais atento às vulnerabilidades das instituições religiosas e de seus líderes em tempos de crise. Ao abordar as experiências dos líderes evangélicos baptistas portugueses, este estudo não só contribui para a sociologia da religião, mas também oferece uma base para reflexões mais amplas sobre a capacidade de adaptação e o papel crucial dessas comunidades em momentos de adversidade. A resiliência das igrejas será um tema relevante nas discussões futuras sobre a relação entre religião e sociedade.

Referências bibliográficas

- Almeida, J. F. de & Costa, A. F. da. (1990). *Portugal. os próximos 20 anos* (Vol. 8, valores e representações sociais /, Ser. Temas atuais). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Araújo, J. (2015). *Os baptistas em Portugal: Interesses, jogos e evangelização*. Via Teológica, 16(32), 177–207.
- Baptista, E. L. (2020, 22 de julho). Igrejas perdem pastores e padres para Covid-19 e divergem sobre estratégias de reabertura. amazonasatual.com.br. <https://amazonasatual.com.br/igrejasperdem-pastores-e-padres-para-covid-19-e-divergem-sobre-estrategias-de-reabertur>
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Zahar.
- BBC News Brasil. (2020, 12 de março). O encontro religioso que acelerou as contaminações por coronavírus na França - BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51858296>
- Berger, P. L. (1995). *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião* (2ª ed.). São Paulo, SP: Paulus.
- Calvo-Quirós, W. A. (2021). Protests, Prayers, and Protections: Three Visitations during COVID-19. In K. A. Hass (Ed.), *Being Human during COVID* (pp. 181–198). University of Michigan Press. <http://www.jstor.org/stable/10.3998/mpub.12136619.15>
- Campos, I. S., & Silva Neto, F. L. P. d. (2021). A presença virtual do sagrado em tempos pandêmicos: A virtualidade e a rua na construção do espaço público de Pelotas/RS. *Religião & Sociedade*, 41(2), 135–160. <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap06>.
- Comissão Europeia. (n.d.). Relatórios sobre o impacto da COVID-19 nos Estados-Membros da UE. Acessado em <https://ec.europa.eu>
- Côrtes, M., & Machado, C. (2001). Religiões e Pandemia. *Religião & Sociedade*, 41(2). <https://www.scielo.br/j/rs/a/7rrNMVyTJXNTDC9QJtrqzxw/?format=pdf&lang=pt>
- Cunha, M. N. (2017). *Do púlpito às mídias sociais: Evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Prisma.

Direção-Geral da Saúde. (n.d.). COVID-19: Relatórios e atualizações diárias. Ministério da Saúde. Acessado em <https://covid19.min-saude.pt>

Durkheim, É. (2023). *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. Ucrânia: Edipro.

Elton Rost. (2022). A religiosidade em tempos de pandemia: um estudo a partir de entrevistas com jovens universitários do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara. *Anais Dos Simpósios Da ABHR*. Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/2118>

Expresso. (n.d.). Reportagens sobre a pandemia de COVID-19. Acessado em <https://www.expresso.pt>

Felizardo, H. (1995). *História dos baptistas em Portugal. Lisboa (Portugal)*: CEBAPES.

Ferreira, V. S. (2014). *Artes e manhas da entrevista compreensiva. Saúde e Sociedade*, 23(3), 979–992. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902014000300020>

Gebara, I. (2020). *Religião e a pandemia Covid 19. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos*. Recuperado de <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemiacovid-19-artigo-de-ivone-gebara>.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Principia, publicações universitárias e científicas.

Instituto Nacional de Estatística. (n.d.). Impacto da COVID-19 na economia e sociedade portuguesa. Acessado em <https://www.ine.pt>

Johnson, A. G. (1995). *The Blackwell dictionary of sociology: A user's guide to sociological language*. Blackwell.

Kuhn, T. S. (2013). *A estrutura das revoluções científicas* (13ª ed.). São Paulo, SP: Perspectiva.

Lozano, M. (2001, 20 de abril). *Covid-19: o impacto e o debate sobre a liberdade religiosa*. www.setemargens.com. <https://setemargens.com/covid-19-o-impacto-e-o-debate-sobre-a-liberdade-religiosa/>

Martins, A. M., Soares, A. K. S., Arruda, G. O. d., & Baptista, C. J. (2023). *Association between religion, mental health and social distancing during the COVID-19 pandemic*. *Psico-USF*, 28(1), 79–90. <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280107>.

Martino, J. (2017). *1348: A peste negra*. Atibaia: Excalibur.

Moniz, J. B. (2021). *Covid-19 em Portugal: A liberdade religiosa na era secular*. *Fórum Sociológico*, (39), 9–17. <https://doi.org/10.4000/sociologico.9832>.

Mutiua, C. (2021). *A religião no contexto da pandemia de coronavírus em Moçambique: Desafios e oportunidades*. *Revista Científica Da UEM: Série Ciências Biomédicas E Saúde Pública*. Obtido de <http://www.revistacientifica.uem.mz/revista/index.php/cbsp/article/view/129>.

Nascimento, M. L. de S. (2022). *Religião: Um recurso em meio à pandemia*. *Último Andar*, 25(39), e55657. <https://doi.org/10.23925/ua.v25i39.55657>.

Organização Mundial da Saúde. (n.d.). COVID-19: Global and regional data and response. Acessado em <https://www.who.int>

Porreca, W. (2020). As religiões e a COVID-19: *Enfrentamentos e adaptações*. In L. V. M. Guimarães, T. C. Carreiro, & J. R. Nasciutti (Orgs.), *Janelas da Pandemia* (pp. 229-241). Belo Horizonte: Instituto DH.

Público. (n.d.). Cobertura da pandemia de COVID-19 em Portugal. Acessado em <https://www.publico.pt>

Quem Somos - Aliança Evangélica Portuguesa. (s.d.). Aliança Evangélica Portuguesa. <https://aliancaevangelica.pt/site/sobre/>.

Comunicado sobre o estado de alerta [31/10/2021] - Aliança Evangélica Portuguesa. (2021, 30 de setembro). Aliança Evangélica Portuguesa. <https://aliancaevangelica.pt/site/comunicado-sobre-o-estado-de-alerta-31-10-2021/>.

Tuna, C. (2021). *“Eu não quero palmas, eu quero almas” crenças e pertencas no rap evangélico da Grande Lisboa*. *Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, (mático), 56–76. <https://doi.org/10.21747/08723419/soctem2021a3>

Stephanini, V., & Brotto, J. C. de P. (2021). *A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: Dos templos para as casas e para as mídias*. PLURA, Revista De Estudos De Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion, 12(1), 61–79. Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1815>.

Zerbetto, S. R., et al. (2017). *Religiosidade e espiritualidade: Mecanismos de influência positiva sobre a vida e tratamento do alcoolista*. Escola Anna Nery, 21(1), 1-8.

LUKES, Steven. *Émile Durkheim: su Vida y su Obra*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1984.

Weiss, R. (2012). Durkheim e As Formas Elementares da Vida Religiosa. *Revista de Sociologia*, 15(3), 95-119.

Anexos

Anexo 1- Artigo 283º Código Penal – Carta-Circular



Artigo 283.º
Propagação de doença, alteração de análise ou de receituário

1 - Quem:

a) Propagar doença contagiosa;

(...)

e criar deste modo perigo para a vida ou perigo grave para a integridade física de outrem é punido com pena de prisão de 1 a 8 anos.

2 - Se o perigo referido no número anterior for criado por negligência, o agente é punido com pena de prisão até 5 anos.

3 - Se a conduta referida no n.º 1 for praticada por negligência, o agente é punido com pena de prisão até 3 anos ou com pena de multa.

Caros irmãos em Cristo

O combate ao contágio do COVID19 tem levado os agentes da autoridade policial a identificar pessoas que participam em eventos em desobediência às recomendações da DGS e comunicar aos tribunais para procedimento criminal. O artigo do Código Penal reproduzido acima parcialmente está escrito de forma clara que dispensa grandes explicações.

Se alguém, sabendo que está infectado, não tomar as medidas necessárias a evitar a transmissão da doença a outra pessoa, pode ser acusado e julgado por tribunal e condenado a uma pena de prisão. A medida da prisão pode ir, neste caso, até aos 8 anos.

Se alguém não sabendo que está infectado for negligente, não guardando as devidas distâncias ou não usando máscara, e contagiar outra pessoa, poderá ser punida por negligência com pena de prisão até 5 anos.

É muito importante que quem sente sintomas compatíveis com o COVID19 fique em casa e procure assistência médica.

Nas cerimónias religiosas (cultos e escolas dominicais) deve sempre ser usada máscara e guardada a devida distância. Se estas medidas preventivas não forem observadas e houver transmissão de doença, pode haver acusação criminal com base em negligência.

Nos actos próprios da vida das igrejas que não tenham natureza religiosa, como assembleias gerais, ensaios do coro, reuniões de departamentos, devem ser respeitados os limites de 5, 10 ou 20 pessoas conforme o estado de calamidade, contingência ou alerta.

Abraço fraterno





Lisboa, 1 de Julho de 2020

Meus caros irmãos em Cristo

Acerca do impacto que têm nas cerimónias religiosas as recentes orientações do Governo quanto ao ajuntamento de pessoas, que hoje entram em vigor, muitos irmãos me têm telefonado em busca de informação. Muitos irmãos perguntam se têm que terminar os cultos às 20h, e se os mesmos estarão limitados a 5 pessoas, ou 10 ou 20.

Estas medidas de combate ao contágio do COVID **não têm qualquer impacto sobre as cerimónias religiosas** (cultos e EBD), não foram pensadas para restringir a liberdade religiosa. Não há limite nem quanto à duração nem quanto ao horários dos cultos, nem quanto ao número de participantes. Mantêm-se as recomendações quanto ao **distanciamento entre participantes e uso de máscara.**

Quando, porém, terminar o culto, os crentes não podem ficar à porta a conversar uns com os outros, porque finda a cerimónia religiosa já se aplicam aos crentes as medidas que limitam o número de pessoas a grupos de 5 ou de 10 ou de 20, dependendo da situação particular de cada freguesia.

Estas restrições têm implicações directas nos ajuntamentos de pessoas em casamentos e em funerais.





Caros irmãos em Cristo

Com a aproximação do dia 31 de Maio, a partir do qual as igrejas podem voltar a reunir-se presencialmente para cultuar a Deus, é necessário garantir que ninguém corre o risco de ir ao culto e voltar para casa contaminado com o COVID 19.

Ainda não sabemos quais são as regras que a Direcção-Geral da Saúde vai impor que sejam observadas nas cerimónias religiosas. Mas sabemos quais foram as regras propostas pela AEP e com base nisso acreditamos que se as igrejas se prepararem para observar as regras que a seguir partilhamos com os irmãos, com a protecção de Deus tudo correrá bem.

Normas de cumprimento obrigatório

1. Antes de participar em qualquer cerimónia religiosa cada crente deve assegurar-se de que não tem sintomas compatíveis com o COVID 19 e que não é portador de doenças que aumentem o risco de contágio. Quem tiver sintomas deve ficar em casa e entrar em contacto com os serviços de saúde;
2. Todos os crentes devem colocar uma máscara antes de entrar na casa de oração e devem usar máscara em todos os momentos do culto, especialmente durante os cânticos, excepto o dirigente se respeitar a distância mínima de 2m em relação aos demais crentes;
3. É fundamental a abstenção de contacto físico entre crentes, devendo os membros do mesmo agregado permanecer juntos;
4. A entrada e a saída na casa de oração deve fazer-se por agregado familiar;
5. Cada agregado familiar deve permanecer junto ao entrar na casa de oração, durante o culto e ao sair da casa de oração;
6. Entre cada agregado familiar ou pessoa não acompanhada deve ser, em todo o tempo, guardada a distância mínima de 1m (um metro);

7. À entrada da casa de oração cada participante deve desinfetar as mãos em solução de gel e álcool;
8. Não devem ser usados objectos de uso colectivo como Bíblias e hinários;
9. Os assentos devem ser desinfectados após cada utilização;
10. Os rituais colectivos que aumentem o risco de contágio (baptismos e Ceia do Senhor) devem ser realizados com particulares cautelas ou suspensos;
11. As toalhas de pano junto aos lavatórios devem ser substituídas por toalhas de papel ou equipamentos de secagem das mãos;
12. As casas de banho têm de ser limpas e desinfectadas após cada utilização.

Recomendações:

1. Se algum crente sentir sintomas do COVID 19 durante o culto deve ser imediatamente retirado para fora da casa de oração;
2. Se possível, havendo consentimento de cada crente, deve ser medida a temperatura corporal com termómetro infravermelhos à entrada da casa de oração.
3. As igrejas devem ter máscaras de reserva para disponibilizar aos participantes que não as possuam;
4. No uso de microfones é de tomar cautela quanto à distância entre o equipamento e a cara do utilizador;
5. À porta de entrada deve estar alguém para impedir o acesso quando a casa de oração esteja lotada;
6. Os crentes maiores de 65 anos, podendo participar dos cultos, devem ter especiais cuidados no uso de máscara e no distanciamento a outras pessoas;
7. Durante o culto deve ser facilitado o arejamento da casa de oração através de portas e janelas.
8. Na medida do possível deve ser evitado o uso de equipamentos de ar condicionado.

Que Deus a todos guarde



90ª Assembleia Geral da Convenção Baptista Portuguesa

Devido à pandemia que o mundo vive de COVID-19 e por imposição das autoridades, vimo-nos obrigados a adiar a AG da CBP por período indeterminado.

Embora ainda tenhamos algumas restrições de reunião, procurará a Mesa da Assembleia Geral com o apoio do Presidente cessante e do Presidente eleito tentar realizar a Assembleia Geral anual para, de forma concentrada, tratar os principais assuntos de gestão corrente e efectuarmos eleições para os diferentes órgãos.

Na celebração do centenário da constituição da Convenção Baptista Portuguesa, não foi esta a Assembleia que desejámos realizar. Mas as condições humanitárias e os confinamentos impostos assim o exigiram, entristecendo-nos pelas limitações que nos causaram, mas ao mesmo tempo respeitando-as como cidadãos exemplares que devemos ser como cristãos.

Queremos lembrar o tema escolhido para esta assembleia que é “**UM SÓ CORPO EM CRISTO**”, baseado no texto de Romanos 12:4-5. Não teremos tempo para dissertar sobre o mesmo, mas não deixamos de o realçar como forma de apreendermos o que nos une e nos leva a manter viva a cooperação entre Igrejas.

CONVOCATÓRIA

Na qualidade de presidente da Mesa, nos termos do artigo 9º dos Estatutos da CBP em vigor, convoco todas as igrejas filiadas na Convenção Baptista Portuguesa a reunirem-se em Assembleia Geral Anual no dia 26 de Setembro de 2020 nas instalações do Acampamento Baptista, em Água de Madeiros.

Os trabalhos terão início às **10:30 horas** e o seu encerramento previsto para as **17 horas**.

A ordem de trabalhos provisória inclui:

- Apreciação e aprovação de relatórios e pareceres
- Eleição da Direcção da CBP para o triénio 2020-2023
- Eleições, homologações e nomeações
- Plano de actividades e orçamentos para 2020
- Decisões relacionadas com igrejas filiadas

Notas informativas:

- As sessões deverão ter lugar ao ar livre, no espaço em frente à casa grande onde, para o efeito, se irão preparar as melhores condições de conforto possíveis.
- Cada mensageiro, e só poderemos admitir a presença de mensageiros no decorrer dos trabalhos, deve-se fazer acompanhar de máscara que só deverá retirar para usar da palavra.
- O espaço entre mensageiros deve ser preservado conforme orientação da DGS
- Nas idas ao bar e refeitório devemos também ter em atenção o espaço entre pessoas que não sejam do mesmo agregado familiar
- O Acampamento Baptista está preparado para poder receber mensageiros que desejem pernoitar de sexta-feira para sábado ou de sábado para domingo. Essa informação deve ser dada a quando das inscrições que irão ser feitas através do site do Acampamento Baptista, ou para os serviços centrais da CBP.

Não o desejamos, mas caso haja lugar a nova ordem de confinamento por parte da DGS, poderemos ter de vir a cancelar novamente esta convocatória. Pedimos a DEUS que tal não aconteça e contamos com as orações de todos.

Alcobaça, 13 de Julho de 2020
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral



As nossas atividades encontram-se canceladas por 2 semanas.

Domingos 11:00 e 18:30

Haverá transmissão online de conteúdo para alimento espiritual

*“O Deus que concede perseverança e ânimo dê-lhes um espírito de unidade,
segundo Cristo Jesus”. Romanos 15:5*

Informação



As nossas atividades encontram-se canceladas por 2 semanas.

Domingos 11:00 e 18:30
Haverá transmissão online de conteúdo para alimento espiritual

“O Deus que concede perseverança e ânimo dê-lhes um espírito de unidade, segundo Cristo Jesus”. Romanos 15:5

Informação



ESTUDO BÍBLICO E ORAÇÃO

— QUARTAS | 18H30 —

Estamos confinados às nossas casas, mas **continuamos a ser Igreja**. Fazendo uso das tecnologias ao nosso dispor, daremos continuidade aos nossos **Cultos de Estudo Bíblico e Oração**, das quartas-feiras, às **18h30**.

Utilizaremos a sala de reuniões virtual na plataforma



Continuamos as nossas reuniões, cada família na sua casa, mas todos juntos como Igreja de Cristo.

Participe das nossas atividades *on-line*.

Domingos
Reunião de Oração: 09h00 (ZOOM)
EBD Comunitária: 10h00 (ZOOM)
Culto Matutino: 11h15 (YouTube)
Culto Vespertino: 18h30 (YouTube)

Quartas-Feiras
Estudo Bíblico e Oração: 18h30 (ZOOM)





ATIVIDADES DOMINICAIS

Estamos confinados às nossas casas, mas a Igreja de Cristo continua. Assim, estamos a dar continuidade às nossas **Atividades Dominicais**, a partir das **09h00**.

Utilizaremos as salas de reuniões virtuais na plataforma

zoom*



O Que a Pandemia fez à sua religião?

Olhando

para as medidas dos governos ao começarem a pensar na reabertura das sociedades, percebemos algo bastante claro: a religião, para o nosso governo, não é prioridade. Até o futebol é capaz de abrir as portas antes das igrejas. Entretanto, a religião, realmente, foi muito afetada por esta pandemia e faz-nos refletir sobre o que esta virose fez à nossa religião.

Alguns têm uma religião essencialmente cerimonial. O rito é a essência da sua visão do que é a igreja. O ambiente do santuário, os elementos, as palavras, as orações a música. Tudo acaba por ser parte de um todo que o adorador vê como a

sua experiência com Deus. Para esses a pandemia trouxe rutura quase total. Limitar-se a ver as cerimônias pela net ou pela TV não é a mesma coisa e o crente que tem essa prioridade sente-se bastante perdido. A sua religião é demasiado visual e experimental para a poder viver em casa. O seu Deus parece que mora no templo. Para este crente este tempo é aterrador. Será que consegue crescer em comunhão nele? Consegue avaliar a sua fé em termos de rito? Percebe que o rito não é o mais importante da vida cristã e que o que Deus nos pede é relação pessoal?

Há crentes para quem a religião é essencialmente um tema de conversa ou de debate. Para eles a pandemia trouxe um outro modo de ver e tratar essas conversas e debates pois, proporcionou-lhes um novo ambiente para discutirem os seus temas e doutrinas: a internet. Esse crente pode até estar a divertir-se bastante com a pandemia, lendo e vendo dezenas de vídeos e textos e entrando em muitas conversas e discussões sobre muitos temas. Talvez nem tenha muita falta de estar no templo e a reabertura não lhe diga muito. Está contente com os seus debates, mas será que aprendeu a ver Deus nas suas conversas? Está a ser alimentado com o propósito de crescer em Cristo ou apenas a aumentar a lista de temas para discutir?

Será que já percebeu que a fé não se mede pelo número de mensagens que ouvimos, mas pelo o que praticamos?

Há crentes cuja religião é sobretudo externa, as coisas que se podem ver e experimentar na pele, na superfície. Há muita atividade e muita conselheira. As coisas de Deus são um constante corrúpio em que o crente se desgasta e entende que é essa a boa vida cristã. Para esses, a pandemia é um desastre. É um desastre para tudo. Há que arranjar coisas para ocupar o seu tempo e “trabalhar” para Deus. Este crente tem dificuldade com a soliditude, a comunhão quieta, o tempo de devoção. Luta com a falta de adrenalina. Será que consegue perceber que a quarentena é um presente para um novo modo de viver a fé? Um novo modo de viver mais perto de Deus?

Há crentes para quem a fé é um assunto, sobretudo, muito pessoal. A fé vive-se no coração e na mente de cada um. Esse crente não tem muita dificuldade em passar este tempo mais isolado porque tem como utilizar mais oportunidades em devoção e até pode gostar do confinamento. Afinal, este tempo permite-lhe mais tempo a sós com Deus. Isso é bom. Mas que resposta tem este crente para o mundo nesta pandemia? A sua fé individual consegue alcançar os perdidos em meio

ao seu isolamento? Viver um mosteiro individual personalizado será o modo de Jesus, de experimentar a caminhada com Deus?

Há aqueles que olham para a religião com desconfiança. Os agnósticos e céticos alegam-se na pandemia, vendo nela uma negação de Deus. Podem até começar por se satisfazer com as igrejas fechadas e achar que este é um tempo proveitoso pois, não há engano para o povo na pregação do que, para eles é fantasia. Mas será que, então, conseguem apresentar uma resposta ao mundo? No meio da sua falta de fé há consolo? Que apoio se pode dar quando não se sabe a quem recorrer? Que consolo quando não temos propósito?

Olhando para as várias formas de encarar a religião neste período, pensamos num homem de Deus e a sua crise pessoal. Paulo estava preso há 4 anos e esperava um julgamento que poderia não ser nada favorável. Estava há 4 anos em quarentena forçada e, certamente haveria muito para reclamar e pedir a Deus. Nesse contexto, ele escreve, pelo menos, 4 cartas que temos nas nossas Bíblias. E que ênfase Paulo tirou do seu confinamento? O que é que a sua quarentena, longa e pesada, trouxe ao cimo da sua fé? De forma

simples respondemos com os focos das 4 cartas:

• Carta aos Filipenses

Descobrimos que, é possível ser feliz na reclusão forçada e passar felicidade aos outros, quando a vida é Cristo e o futuro é o céu;

• Carta aos Efésios

Percebemos que, usar o tempo de quarentena para crescer em entendimento e desenvolver a nossa teologia é um bom uso para quem escreve a sua carta mais profunda em meio à tribulação;

• Carta aos Colossenses

Descobrimos que, o alvo da vida do crente é Cristo e que, nenhum isolamento ou prisão pode tirar isso do coração de um crente genuíno;

• Carta a Filémon

Descobrimos que, o processo de prisão e julgamento não tinham mergulhado Paulo em autocomiseração, mas ainda produzia fruto nas cadeias e preocupava-se em abençoar os seus amados.

O que pandemia tem feito à nossa prática religiosa? Olhando para Paulo, a sua crise pessoal levou à **Alegria, Teologia mais Profunda, maior amor por Cristo e fruto para o reino.**

O Que a Pandemia fez à sua religião?



Certamente

um bom testemunho para todos.

Devemos encarar com seriedade a nossa religião, na sua essência, com todas estas alterações e permitir que o Senhor corrija o que é preciso corrigir para a Sua glória. Deixemos o Espírito mostrar o que deve ser transformado e vamos usar este tempo para crescermos numa verdadeira comunhão com o Senhor.

Normas para o retorno aos Cultos Presenciais

Segundo a Proposta de Recomendações para o Meio Evangélico feita pela Aliança Evangélica Portuguesa e seguindo as recomendações oficiais, nomeadamente da DGS, de forma a evitar situações de risco e possível propagação do vírus.

Procurando, assim, cumprir as regras estabelecidas pelo governo e pela Direção Geral de Saúde [DGS], adequamos a nossa realidade de celebração à situação de pandemia com o propósito de diminuirmos ao máximo as possibilidades de contaminação. Sendo assim passaremos a guiar-nos pelos seguintes parâmetros trabalhados pela liderança da Igreja:

Antes dos cultos

- ⇒ Todos os que apresentem sintomas tais como febre, tosse, coriza, calafrios, dificuldade respiratória ou diarreia deverão permanecer em casa, em tratamento, até ao desaparecimento dos mesmos evitando as reuniões.
- ⇒ Os maiores de 70 anos e os doentes imunodeprimidos ou que estão a fazer corticoides (doentes com cancro, VIH/SIDA não controlados, doença reumatoide sob terapêutica imunossupressora, diabetes não controlados, doença cardiovascular) devem continuar em casa e, no caso de ser possível, assistir aos cultos através de transmissão on-line ou, em alternativa, criar um tempo de atendimento especial num outro dia.
- ⇒ A Igreja colocará, em lugares bem visíveis, as regras de higiene preconizadas pela DGS bem como as regras de funcionamento dos cultos, para fácil visualização de todos.
- ⇒ A Igreja preparará os materiais necessários para atender os participantes, tais como máscaras e gel desinfetante bem como outros que se façam necessários para as reuniões.
- ⇒ As portas ficarão abertas, permitindo maior ventilação e evitando a necessidade de manuseio das maçanetas.
- ⇒ Haverá uma equipa de receção na entrada, devidamente identificada e preparada para lidar com as questões que possam surgir e orientar os presentes.
- ⇒ Na entrada, todos deverão trazer máscara e desinfetar as mãos corretamente, fazendo uso dos dispensadores com solução antisséptica de base alcoólica, com 70% de álcool, colocados em locais estratégicos. A utilização de viseira não substitui o uso de máscara.
- ⇒ Os lugares para assento estarão assinalados permitindo a distância de segurança de dois metros entre pessoas. Haverá fileiras de bancos vazios entre os lugares de assento. Só poderão sentar juntas as pessoas que pertencem à mesma família ou casa.
- ⇒ Os espaços estarão, assim, reorganizados, havendo indicação de fluxos de entrada e de saída, devendo seguir-se a sinalização (ex. marcação no chão) e outra informação (ex. cartazes) que alertem para as distâncias de segurança.
- ⇒ Para garantir que não haverá pessoas além da lotação máxima de segurança, os participantes deverão inscrever-se previamente para o culto no horário da sua preferência. Quando a lotação prevista estiver atingida não será permitida a entrada a mais ninguém.
- ⇒ De modo a permitir a participação presencial do maior número possível de pessoas, teremos dois cultos (se a necessidade de mais cultos surgir, isso será trabalhado) com tempo mais reduzido. Os cultos acontecerão, pela manhã, às 10h00 e às 11h30. Quem pretender participar fará a sua inscrição para o horário desejado e comprometer-se-á a estar presente apenas nesse horário, deixando as instalações no final do culto.
- ⇒ Apenas as equipas de serviço (receção e limpeza, louvor, tecnologia, ministração e diáconos) poderão permanecer entre cultos, mediante a instituição de uma escala para permitir, a todos, a sua oportunidade de trabalho.

Normas para o retorno aos Cultos Presenciais

- ⇒ A ocupação dos lugares deverá começar pelos da frente e mais distantes da porta, para evitar cruzamento de pessoas. Os participantes devem chegar com antecedência, para permitir a entrada ordeira e respeitando a distância de segurança.
- ⇒ Os participantes devem evitar, a todo o custo, a necessidade de saírem e entrarem durante os cultos. Caso haja necessidade, as casas de banho devem ser usadas antes ou depois e nunca durante as celebrações, a não ser em caso de força maior.
- ⇒ Não haverá boletim dominical materializado. O boletim e informações estarão sempre disponíveis no site, no Facebook e no WhatsApp da Igreja.
- ⇒ Segundo a orientação da DGS, será elaborado um registo interno dos participantes em cada culto, com o objetivo de poderem ser contactados, caso se manifeste algum testado positivo. Os visitantes terão de deixar, obrigatoriamente, um contacto pessoal. Estes registos serão destruídos 16 dias depois, se nenhum dos participantes apresentar sintomas do vírus.

Durante os Cultos

- ⇒ Seguiremos a liturgia habitual, dentro das possibilidades, com redução do número de pessoas a participar do louvor, nomeadamente músicos e cantores para manutenção das distâncias de segurança.
- ⇒ Os músicos, cantores e pessoal da tecnologia deverão desinfetar os seus materiais (instrumentos, computadores, câmaras e microfones) antes e depois de cada celebração.
- ⇒ As máscaras não deverão ser retiradas durante todo o tempo de culto, com exceção do pastor no momento de ministração.
- ⇒ Não haverá o momento habitual de saudação, com abraços e cumprimentos, sendo substituído por acenos e sorrisos.
- ⇒ Não haverá coleta através da passagem de bandeja. As contribuições podem ser entregues via conta bancária, MBway e haverá na saída um recipiente onde, quem quiser, poderá deixar a sua oferta física.
- ⇒ Deverá ser evitada a partilha de materiais durante o culto tal como Bíblias e/ou cantores de modo a evitar contaminação. A projeção das letras dos cânticos e leituras bíblicas será garantida.
- ⇒ Os cultos serão transmitidos via internet para aqueles que não se podem deslocar ao salão de culto.
- ⇒ Na situação especial da celebração da Ceia do Senhor há cuidados acrescidos para evitar os riscos. Há várias hipóteses em estudo, inclusive a da não realização temporária das ceias. A direção da igreja dará as instruções necessárias em tempo oportuno.

Depois do Culto

- ⇒ Os presentes deverão realizar a saída do salão começando pelos que estão sentados mais atrás, dando tempo e espaço para que a saída se faça sem aglomerações nas portas. A saída será dirigida pelos irmãos da receção.
- ⇒ Os pastores não estarão na porta para saudar os participantes. Se alguém precisar de falar com o pastor, terá de esperar a saída de todos e, sendo autorizado, deslocar-se à frente do salão. Se houver vários irmãos nessa situação, a distância deverá ser mantida na espera da sua vez.
- ⇒ Deve ser evitada a paragem na frente das instalações. Os participantes ao saírem devem deslocar-se para as suas casas, evitando o acúmulo de pessoas na via pública.
- ⇒ Caso haja a realização de outro culto a seguir, será mantido um intervalo de 30 minutos para ventilação do local e uma equipa fará a desinfecção de bancos e dos locais de acesso.

Normas para o retorno aos Cultos Presenciais

Demais Instalações

- ⇒ Durante esta fase, não será possível a realização de classes de EBD visto não haver espaço para se garantir as distâncias de segurança.
- ⇒ As casas de banho estarão equipadas para utilização, mas com limite de pessoas que, deve ser respeitado por todos de modo a serem mantidas as distâncias. Esse limite será fixado na porta de cada casa de banho. Haverá necessidade de limpeza e desinfecção entre cada culto. Como os cultos estarão reduzidos a apenas uma hora, solicitamos que as casas de banho não sejam utilizadas a não ser em situação de força maior.
- ⇒ Nas instalações sanitárias, devidamente limpas, haverá água, sabão e toalhas descartáveis de papel para a lavagem e secagem das mãos. As rotinas de limpeza e higienização dos espaços serão intensificadas e incluirão a desinfecção, com recurso aos agentes adequados quando as instalações estiverem em utilização.
- ⇒ Durante este período, por razões óbvias, a cozinha da igreja e serviço de café estarão fechados até que haja condições de segurança para o seu funcionamento.
- ⇒ Os elevadores deverão ser evitados na medida do possível. Em caso de necessidade, devem ser usados individualmente ou em caso de partilha, apenas por pessoas da mesma família ou casa.

Outras atividades

- ⇒ As aulas de EBD serão feitas por sala virtual, com horário a estabelecer de acordo com os horários de culto. Uma sugestão é que as aulas de EBD e a reunião de oração aconteçam no período da tarde através de salas do ZOOM.
- ⇒ Os cultos de quarta-feira têm tido uma participação maior através da estratégia virtual com o ZOOM. Para evitar a situação de deslocação e possível contágio, para diminuir os gastos que, serão acrescidos a cada vez que a igreja abrir com todos os materiais necessários, e para continuar a beneficiar um auditório maior sugerimos que o culto de Estudo Bíblico e Oração continue a ser através dos meios digitais. Seguimos assim, também, a orientação que diz que, as atividades formativas (ex. Escola Dominical, Estudo Bíblico, Seminários) devem privilegiar os meios à distância (ex. Zoom, Skype).
- ⇒ As atividades de culto infantil acontecerão de acordo com a necessidade e o número de crianças que venha a estar presente, seguindo as regras de funcionamento previstas para as creches, sendo que a colaboração dos pais será essencial para a entrega e recolha das crianças sem demoras, para permitir a rotação entre cultos.
- ⇒ O berçário não estará em funcionamento devido a toda a dificuldade que isso implicaria para cultos com tempo reduzido.
- ⇒ Os grupos familiares deverão estabelecer as suas próprias regras e prioridades sendo possível a manutenção dos encontros virtuais, mas também a possibilidade de reuniões em casas com números limitados quando o espaço permitir essa realidade.
- ⇒ Encontros de jovens e ministério Ágape poderão acontecer desde que obedeçam às regras, ora em vigor, e depois de ser avaliada a sua viabilidade. No caso da 3ª idade os cuidados terão de ser maiores.
- ⇒ As festividades e celebrações especiais (ex. casamentos, apresentação de crianças, batismos, renovação de votos) necessitam de avaliação prévia e de decisões específicas e particulares, tendo em vista a defesa da saúde pública.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Decreto-Lei n.º 78-A/2021

de 29 de setembro

Sumário: Altera as medidas excecionais e temporárias relativas à pandemia da doença COVID-19.

A evolução positiva da situação epidemiológica em Portugal, no contexto da pandemia da doença COVID-19, associada à elevada taxa de vacinação completa já alcançada, e o consequente levantamento progressivo das medidas que vêm sendo definidas pelo Governo desde março de 2020, com uma retoma gradual e faseada das atividades económicas, determinam a necessária adaptação do conjunto de medidas excecionais e temporárias ainda em vigor.

Nesse sentido, o uso de máscara passa a ser obrigatório apenas para o acesso ou permanência a determinados ambientes fechados, podendo tal obrigação ser, no entanto, dispensada quando o seu uso se mostre incompatível com a natureza das atividades que os cidadãos se encontrem a realizar.

Por sua vez, a verificação anual das declarações dos trabalhadores independentes relativas a 2021, conjuntamente com a revisão anual das declarações relativas a 2019 e 2020, passa a ser feita no ano de 2022.

O subsídio de doença por COVID-19 vê a sua vigência prorrogada até 31 de dezembro de 2021.

Por forma a fazer face à pendência acumulada e para poder dar resposta a todos os cidadãos, as Lojas de Cidadão e o Departamento de Identificação Civil — Balcão Lisboa — Campus de Justiça passam a prestar atendimento aos sábados, entre as 9 horas e 22 horas, de forma ininterrupta.

Considerando a excecionalidade das circunstâncias letivas do presente ano provocadas pela pandemia da doença COVID-19, importa ainda proceder a uma distribuição gratuita de manuais escolares novos aos alunos do 1.º ciclo do ensino básico, ficando dispensada a devolução, por não reutilização, dos manuais distribuídos para este ciclo no ano letivo anterior, bem como delimitar a disponibilização de licenças digitais até ao ano letivo 2021/2022, por forma a avaliar a eficácia da medida no quadro do desenvolvimento e generalização da desmaterialização de recursos educativos.

Por fim, de forma a promover um ordenamento claro, escoreito e devidamente atualizado, são identificadas inequivocamente as normas que já não devem produzir efeitos jurídicos, determinando-se expressamente a cessação da sua vigência.

Assim:

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Objeto

O presente decreto-lei procede:

a) À trigésima primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 10-A/2020, de 13 de março, que estabelece medidas excecionais e temporárias relativas à situação epidemiológica do novo coronavírus — COVID-19;

b) À segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 18-A/2020, de 23 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 39-A/2020, de 16 de julho, que estabelece medidas excecionais e temporárias na área do desporto de resposta à pandemia da doença COVID-19;

c) À quinta alteração ao Decreto-Lei n.º 79-A/2020, de 1 de outubro, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 94-A/2020, de 3 de novembro, 99/2020, de 22 de novembro, 106-A/2020, de 30 de dezembro, e 29-A/2021, de 29 de abril, que estabelece um regime excecional e transitório de reorganização do trabalho e de minimização de riscos de transmissão da infeção da doença COVID-19 no âmbito das relações laborais;



d) À terceira alteração ao Decreto-Lei n.º 10-B/2021, de 4 de fevereiro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 22-D/2021, de 22 de março, e pela Lei n.º 31-A/2021, de 25 de maio, que estabelece medidas excecionais e temporárias na área da educação, no âmbito da pandemia da doença COVID-19;

e) À primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 22-A/2021, de 17 de março, que prorroga prazos e estabelece medidas excecionais e temporárias no âmbito da pandemia da doença COVID-19;

f) À primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 35-A/2021, de 18 de maio, que regula o acesso, a ocupação e a utilização das praias de banhos, no contexto da pandemia da doença COVID-19, para a época balnear de 2021.

Artigo 2.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 10-A/2020, de 13 de março

Os artigos 13.º-B, 25.º-A, 35.º-V e 37.º-A do Decreto-Lei n.º 10-A/2020, de 13 de março, na sua redação atual, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 13.º-B

[...]

1 — É obrigatório o uso de máscaras ou viseiras para o acesso ou permanência no interior dos seguintes locais:

a) Espaços e estabelecimentos comerciais, incluindo centros comerciais, com área superior a 400 m²;

b) Lojas de Cidadão;

c) Estabelecimentos de educação, de ensino e das creches, salvo nos espaços de recreio ao ar livre;

d) Salas de espetáculos, de exibição de filmes cinematográficos, salas de congressos, recintos de eventos de natureza corporativa, recintos improvisados para eventos, designadamente culturais, ou similares;

e) Recintos para eventos e celebrações desportivas;

f) Estabelecimentos e serviços de saúde;

g) Estruturas residenciais ou de acolhimento ou serviços de apoio domiciliário para populações vulneráveis, pessoas idosas ou pessoas com deficiência, bem como unidades de cuidados continuados integrados da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados e outras estruturas e respostas residenciais dedicadas a crianças e jovens;

h) Locais em que tal seja determinado em normas da Direção-Geral da Saúde.

2 — É obrigatório o uso de máscaras ou viseiras pelos trabalhadores dos bares, discotecas, restaurantes e similares, bem como dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços em que necessariamente ocorra contacto físico com o cliente.

3 — A obrigatoriedade referida nos números anteriores é dispensada quando, em função da natureza das atividades, o seu uso seja impraticável.

4 — É obrigatório o uso de máscaras ou viseiras na utilização de transportes coletivos de passageiros, incluindo o transporte aéreo, bem como no transporte de passageiros em táxi ou TVDE.

5 — Para efeitos do disposto no número anterior, a utilização de transportes coletivos de passageiros inicia-se nos termos do n.º 2 do artigo 2.º da Lei n.º 28/2006, de 4 de julho, na sua redação atual, sendo este preceito aplicável ao transporte aéreo, com as necessárias adaptações.

6 — A obrigação de uso de máscara ou viseira nos termos do presente artigo apenas é aplicável às pessoas com idade superior a 10 anos, exceto nos estabelecimentos de educação e ensino, em que a obrigação do uso de máscara por alunos apenas se aplica a partir do 2.º ciclo do ensino básico, independentemente da idade.

7 — A obrigatoriedade referida nos n.ºs 1, 2 e 4 é dispensada mediante a apresentação de:

a) [...]

b) [...]



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Resolução do Conselho de Ministros n.º 135-A/2021

Sumário: Altera as medidas no âmbito da situação de alerta.

Desde março de 2020 que o combate à pandemia da doença COVID-19 tem vindo a exigir a adoção de medidas extraordinárias com vista a procurar conter a propagação do vírus SARS-CoV-2 e mitigar as consequências daquela doença.

Foram diversas essas medidas, tendo as mesmas incidido sobre várias matérias com impacto no quotidiano dos cidadãos e das empresas, desde o encerramento de atividades, estabelecimentos e equipamentos, bem como restrições de horários de abertura, funcionamento ou encerramento, à obrigatoriedade de adoção do regime de teletrabalho, ao uso de máscaras ou à testagem de cidadãos, incluindo outras regras específicas aplicáveis a determinados setores de atividade como os estabelecimentos de restauração, os estabelecimentos turísticos ou de alojamento local, os ginásios e academias e os eventos e celebrações.

Porém, no final de 2020, Portugal iniciou o processo de vacinação contra a COVID-19, tendo sido alcançados níveis de população vacinada extraordinários, prevenindo-se a chegada, dentro de alguns dias, ao patamar de 85 % da população com vacinação completa.

Desde julho de 2021 que o processo progressivo de levantamento das medidas restritivas havia sido definido através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 101-A/2021, de 30 de julho, tendo sido fixados dois patamares de percentagem da população com vacinação completa em função dos quais, sem prejuízo de outros critérios epidemiológicos, seriam adotados: i) um primeiro leque de medidas quando atingido o patamar de 70 % da população com vacinação completa, o que veio a ser efetivado por via da Resolução do Conselho de Ministros n.º 114-A/2021, de 20 de agosto; e ii) outro leque de medidas quando atingido o patamar de 85 % da população com vacinação completa, que se efetiva por via da presente resolução.

Deste modo, considerando, designadamente, o disposto no artigo 34.º da Resolução do Conselho de Ministros n.º 114-A/2021, de 20 de agosto, e as recomendações técnicas de peritos, nomeadamente das áreas da epidemiologia e da saúde pública, apresentadas em reunião realizada na sede do INFARMED — Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, I. P., procede-se agora ao levantamento de uma série de medidas que têm vindo a vigorar no âmbito do combate à pandemia da doença COVID-19.

Nesse âmbito, elimina-se, desde logo, designadamente, a recomendação da adoção do regime de teletrabalho, sem prejuízo da manutenção das regras quanto ao desfasamento de horários.

Por sua vez, é alterado o regime relativo à testagem, sendo eliminado, nomeadamente, o disposto quanto à testagem em locais de trabalho com 150 ou mais trabalhadores.

Simultaneamente, são eliminadas as limitações em matéria de venda e consumo de álcool e os bares e discotecas retomam a sua atividade, embora o acesso a estes locais fique dependente de apresentação de Certificado Digital COVID da União Europeia (UE).

Os estabelecimentos comerciais e certos eventos e celebrações deixam de ter limitações em matéria de lotação e horários de funcionamento e, bem assim, os estabelecimentos de restauração e similares deixam de ter limites no que concerne ao número de pessoas por grupo, sendo também eliminada a necessidade de apresentação de Certificado Digital COVID da UE ou teste com resultado negativo para acesso a estabelecimentos de restauração e similares e a estabelecimentos turísticos ou de alojamento local.

Por fim, deixa também de se prever necessidade de apresentação de Certificado Digital COVID da UE ou teste com resultado negativo para efeitos de participação em aulas de grupo em ginásios e academias, bem como para acesso a estabelecimentos de jogos de fortuna ou azar, casinos, bingos ou similares e a termas, spas ou estabelecimentos afins.

Assim:

Nos termos do artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 54-A/2021, de 25 de junho, do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 10-A/2020, de 13 de março, na sua redação atual, por força do disposto no artigo 2.º da Lei n.º 1-A/2020, de 19 de março, na sua redação atual, das Bases 34 e 35 da Lei n.º 95/2019,



de 4 de setembro, do artigo 17.º da Lei n.º 81/2009, de 21 de agosto, do n.º 6 do artigo 8.º da Lei n.º 27/2006, de 3 de julho, na sua redação atual, e da alínea g) do artigo 199.º da Constituição, o Conselho de Ministros resolve:

1 — Declarar, na sequência da situação epidemiológica da COVID-19, até às 23:59 h do dia 31 de outubro de 2021, a situação de alerta em todo o território nacional continental.

2 — Determinar, sem prejuízo das competências dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da economia, da administração interna, da Administração Pública, da saúde, do ambiente e das infraestruturas, as quais podem ser exercidas conjuntamente com os membros do Governo responsáveis pelas respetivas áreas setoriais, quando aplicável, a adoção, em todo o território nacional continental, das seguintes medidas de caráter excecional, necessárias ao combate à doença COVID-19, bem como as previstas no regime anexo à presente resolução e da qual faz parte integrante:

- a) A fixação de regras de proteção da saúde individual e coletiva dos cidadãos;
- b) A fixação de regras de funcionamento de estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços;
- c) A fixação de regras aplicáveis ao tráfego aéreo e aos aeroportos.

3 — Reforçar, sem prejuízo dos números anteriores, que compete às forças e serviços de segurança, às polícias municipais, à Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) e à Autoridade para as Condições do Trabalho fiscalizar o cumprimento do disposto na presente resolução e determinar o reforço das ações de fiscalização do cumprimento do disposto na presente resolução, seja na via pública, nos estabelecimentos comerciais e de restauração ou em locais de trabalho.

4 — Determinar, no âmbito da declaração da situação de alerta, o acionamento das estruturas de coordenação política territorialmente competentes.

5 — Estabelecer, no âmbito da proteção e socorro:

a) A manutenção do estado de prontidão das forças e serviços de segurança, dos serviços de emergência médica e de todos os agentes de proteção civil, com reforço de meios para eventuais operações de apoio na área da saúde pública;

b) A manutenção do funcionamento da Subcomissão COVID-19, no âmbito da Comissão Nacional de Proteção Civil, em regime de permanência, enquanto estrutura responsável pela recolha e tratamento da informação relativa ao surto epidémico em curso, garantindo uma permanente monitorização da situação;

c) A utilização, quando necessário, do sistema de avisos à população pela Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil.

6 — Determinar que as autoridades de saúde comunicam às forças e aos serviços de segurança do local de residência a aplicação das medidas de confinamento obrigatório a doentes com COVID-19, a infetados com SARS-CoV-2 e aos contactos próximos em vigilância ativa.

7 — Determinar que, por decisão da administração regional de saúde e do departamento de saúde pública territorialmente competentes, podem ser constituídas equipas de acompanhamento dos cidadãos em situação de confinamento obrigatório, com representantes da autoridade de saúde local, proteção civil municipal, segurança social e, quando necessário, forças e serviços de segurança bem como, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área da saúde e da área setorial respetiva, quaisquer outros serviços, organismos, entidades ou estruturas da administração direta ou indireta do Estado.

8 — Reforçar que, durante o período de vigência da situação de alerta, os cidadãos e as demais entidades têm, nos termos dos n.ºs 1 a 3 do artigo 6.º da Lei n.º 27/2006, de 3 de julho, na sua redação atual, o dever de colaboração, nomeadamente no cumprimento de ordens ou instruções das autoridades de saúde, dos órgãos e agentes responsáveis pela segurança interna e pela proteção civil e na pronta satisfação de solicitações que justificadamente lhes sejam feitas pelas entidades competentes para a concretização das medidas que justificam a presente declaração de alerta.

9 — Estabelecer que o Governo avalia, a todo o tempo, a monitorização da aplicação do quadro sancionatório por violação da presente resolução, com base no reporte efetuado pelas forças e pelos serviços de segurança ao membro do Governo responsável pela área da administração interna relativamente ao grau de acatamento das medidas adotadas pela presente resolução.



Artigo 10.º

Eventos

1 — Os eventos e celebrações desportivas, bem como os outros eventos não abrangidos pelo n.º 3, sejam realizados em interior, ao ar livre ou fora de recintos fixos, podem realizar-se de acordo com as orientações específicas da DGS desde que precedidos de avaliação de risco, pelas autoridades de saúde locais, para determinação da viabilidade e condições da sua realização.

2 — Nos eventos em que o número de participantes exceda o definido pela DGS para este efeito, devem os organizadores dos mesmos solicitar a apresentação, por parte de todos os participantes, e verificar o respetivo Certificado Digital COVID da UE admitido nos termos do Decreto-Lei n.º 54-A/2021, de 25 de junho.

3 — Excetuam-se do disposto nos números anteriores, podendo os mesmos realizar-se sem diminuição de lotação e sem necessidade de avaliação prévia de risco, os eventos de natureza familiar, incluindo casamentos e batizados, as celebrações religiosas, os eventos de natureza corporativa realizados em espaços adequados para o efeito, designadamente salas de congressos, estabelecimentos turísticos, recintos adequados para a realização de feiras comerciais e os eventos culturais em recintos de espetáculo de natureza fixa.

4 — Sem prejuízo do dever de solicitar e verificar o cumprimento do disposto no n.º 2 por parte dos organizadores do evento, a responsabilidade pela realização de testes de diagnóstico de SARS-CoV-2, bem como pelos respetivos encargos, quando aplicável para efeitos de emissão do Certificado Digital COVID da UE admitido nos termos do Decreto-Lei n.º 54-A/2021, de 25 de junho, é do participante no evento.

Artigo 11.º

Medidas no âmbito das estruturas residenciais

1 — A proteção dos residentes em estruturas residenciais para idosos, unidades de cuidados continuados integrados da Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados e outras estruturas e respostas residenciais dedicadas a crianças, jovens e pessoas com deficiência, bem como a requerentes e beneficiários de proteção internacional e a acolhimento de vítimas de violência doméstica e de tráfico de seres humanos, face à sua especial vulnerabilidade, deve envolver, sem prejuízo do cumprimento das orientações específicas da DGS:

a) A permissão de realização de visitas a utentes mediante apresentação de Certificado Digital COVID da UE admitido nos termos do Decreto-Lei n.º 54-A/2021, de 25 de junho;

b) A autovigilância de sintomas de doença pelos profissionais afetos a estas unidades, bem como a vigilância de sintomas dos residentes e o seu rastreio regular por forma a identificar precocemente casos suspeitos;

c) A realização de rastreios regulares a utentes e profissionais;

d) A obrigatoriedade do uso de máscaras cirúrgicas por todos os profissionais destas estruturas;

e) A realização de testes a todos os residentes caso seja detetado um caso positivo em qualquer contacto;

f) A disponibilização de equipamento de âmbito municipal ou outro, caso seja necessário o alojamento de pessoas em isolamento profilático ou em situação de infeção confirmada da doença COVID-19 que, face à avaliação clínica, não determine a necessidade de internamento hospitalar;

g) O seguimento clínico de doentes COVID-19 cuja situação clínica não exija internamento hospitalar por profissionais de saúde dos agrupamentos de centros de saúde da respetiva área de intervenção em articulação com o hospital da área de referência;

h) A manutenção do acompanhamento pelas equipas multidisciplinares.

2 — A permissão prevista na alínea a) do número anterior não é aplicável às estruturas e respostas dedicadas a acolhimento de vítimas de violência doméstica e de tráfico de seres humanos.

ÁREA RESERVADA

Siga-nos nas redes sociais



ARTIGOS GERAIS GERAL TOMADAS DE POSIÇÃO

Comunicado AEP – Novas Medidas Estado de Emergência

28 NOVEMBRO, 2020 / SEM COMENTÁRIOS



Comunicado sobre a continuidade do Estado de Emergência

A liberdade de culto e a prestação de assistência espiritual é uma necessidade e um direito constitucional que o estado de emergência não suprimiu art. 19.º n.º 3 e n.º 6, art. 41 e art.º 18 da Constituição da República Portuguesa.

A Lei n.º 44/86, de 30 de Setembro, conhecida como a Lei do Estado de Emergência diz expressamente que 1 – A declaração do estado de sítio ou do estado de emergência em nenhum caso pode afetar os direitos à vida, à integridade pessoal, à identidade pessoal, à capacidade civil e à cidadania, à não [Privacy & Cookies Policy](#) iminal, ao

direito de defesa dos arguidos e à liberdade de consciência e de religião.

Ainda assim é recomendável que todas as comunidades Cristãs mantenham o máximo cuidado e precaução no estrito cumprimento das regras da DGS para a realização dos cultos, que evitem a circulação nas horas de confinamento e a circulação entre concelhos nos dias e horas determinados, quer no período agora em curso quer nos períodos ou locais que futuramente venham a ser indicados.

Quando ocorrer a necessidade de circulação no exercício estrito de um dos direitos referidos em cima, nos períodos ou locais em que a mesma não é recomendada devem ser facultadas uma das seguintes declarações:

Ministros de culto; [<http://aliancaevangelica.pt/Declaração-ministros-de-culto-26112020.docx>]

Colaboradores essenciais à preparação e realização do culto presencial ou por meios telemáticos; [<http://aliancaevangelica.pt/Declaração-voluntários-26112020.docx>]

Membros da igreja. [<http://aliancaevangelica.pt/modelo-declaracao-aep-26112020.doc>]

Privacy & Cookies Policy

ÁREA RESERVADA

Siga-nos nas redes sociais



ARTIGOS GERAIS GERAL NOTÍCIAS TOMADAS DE POSIÇÃO

Comunicado AEP sobre novas restrições

24 OUTUBRO, 2020 / SEM COMENTÁRIOS



No passado dia 22 de Outubro de 2020 o conselho de Ministros emitiu um comunicado segundo o qual “determina a proibição de circulação entre diferentes concelhos do território continental no período entre as 00h00 de 30 de outubro e as 23h59 de dia 3 de novembro”, e que define um conjunto de medidas especiais aplicáveis aos concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira no âmbito da situação de calamidade decorrente da pandemia da doença COVID-19.

No mesmo dia foi publicada a resolução RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS N.º 88-B/2020 referente a medidas especiais aplicáveis aos concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira, o qual pode ser consultado neste link [Privacy & Cookies Policy](#)

<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/146244086/details/maximiz>
[<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/146244086/details/maximiz>], mas não temos conhecimento de nenhum texto legal sobre a proibição de circulação entre diferentes concelhos no período entre as 00h00 de 30 de outubro e as 23h59 de dia 3 de novembro. É possível que seja publicado em breve.

De qualquer forma, pelo texto do Comunicado, o direito à realização de cultos e a deslocação para os mesmos entre os concelhos não está colocada em causa, atendendo a que os cultos não são uma atividade “encerrada”, sendo permitida a circulação entre concelhos para atividades que não estejam “encerradas”.

Por uma questão de precaução, sugerimos que as igrejas reforcem a informação de que os grupos de risco não se deverão deslocar e emitam uma declaração que possa ser facultada aos membros para poder ser exibida perante autoridades que eventualmente estejam menos esclarecidas quanto a estes assuntos, a informar que a deslocação se destina à participação de um culto religioso cuja atividade não está proibida, pelo que é permitida a deslocação..

Assim, no que diz respeito aos nossos cultos, não se prevê que ocorra alguma alteração até porque temos o entendimento que as normas gerais não se aplicam a atividades religiosas, porque têm proteção especial na Constituição da República Portuguesa, apenas podendo ser limitadas no Estado de Emergência e nos seus respetivos limites. Portanto, os nossos cultos continuam a poder realizar-se dentro das regras definidas pela DGS. (Podem ler-se aqui as orientações da DGS para as celebrações religiosas de 29/05/20 [<https://aliancaevangelica.pt/site/2020/07/01/comunicado-aep-regras-para-celebracoes-religiosas/>]).

Quando, porém, terminar o culto, os participantes não podem ficar à porta a conversar uns com os outros, porque finda a cerimónia religiosa já se aplicam aos crentes as medidas que limitam o número de pessoas a grupos de 5, a menos que sejam do mesmo agregado familiar.

Privacy & Cookies Policy

Quanto aos Casamentos, Baptismos e outras celebrações, deverão ser adiados ou, em alternativa, terem o mínimo possível de participantes, tendo em especial atenção o limite máximo (dependendo este da capacidade das salas com as limitações impostas pela lei em vigor).

Oremos para que o nosso Senhor possa continuar a proteger nossas igrejas, comunidades e ministros de culto que exercem funções de risco!

Oremos para que Deus possa ter misericórdia da nossa nação!

Oremos pelas nossas autoridades, profissionais de saúde e todos os que trabalham para que a nossa economia não pare!

Que o Senhor abençoe nossa nação!

A Direção da Aliança Evangélica Portuguesa

[Privacy & Cookies Policy](#)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

XXII GOVERNO



PT EN



COMUNICADOS DO CONSELHO DE MINISTROS

[Página Inicial](#) > [Governo](#) > [Comunicados do Conselho de Ministros](#)

2020-03-20 às 21h48

Comunicado do Conselho de Ministros de 19 de março de 2020

A 18 de março foi decretado, pelo Presidente da República, estado de emergência em Portugal, face à situação excepcional de saúde pública mundial e à proliferação de casos registados de contágio de COVID-19.

O Governo tem como prioridade prevenir a doença, conter a pandemia, salvar vidas e assegurar as cadeias de abastecimento fundamentais de bens e serviços essenciais. É, por isso, imprescindível adotar as medidas que são essenciais, adequadas e necessárias para, proporcionalmente, restringir determinados direitos para salvar o bem maior que é a saúde pública e a vida de todos os portugueses.

Estas medidas devem ser tomadas com respeito pelos limites constitucionais e legais, o que significa que devem, por um lado, limitar-se ao estritamente necessário e, por outro, que os seus efeitos devem cessar assim que retornada a normalidade.

Assim, o Conselho de Ministros aprovou hoje um decreto que visa estabelecer os termos das medidas excecionais e temporárias a implementar durante a vigência do estado de emergência.

São estabelecidas medidas diferentes consoante três tipos de situações:

a) Doentes com COVID-19 e infetados com SARS-Cov2 e cidadãos relativamente a quem a autoridade de saúde ou outros profissionais de saúde tenham determinado a vigilância ativa, que ficam sujeitos a confinamento obrigatório;

b) Grupos de risco, ou seja, maiores de 70 anos, imunodeprimidos e os portadores de doença crónica, relativamente aos quais existe um especial dever de proteção, devendo observar uma situação de isolamento profilático;

c) Os demais cidadãos relativamente aos quais são determinadas restrições designadamente quanto à circulação na via pública.

- Relativamente à circulação na via pública, determina-se que os cidadãos a quem não esteja imposto o confinamento obrigatório ou o dever especial de proteção só o podem fazer para a prossecução de tarefas e funções essenciais, como por exemplo:

- motivos de saúde
- aquisição de bens e serviços;
- desempenho de atividades profissionais que não possam ser realizadas em regime de teletrabalho;
- motivos de urgência e razões familiares (assistência de pessoas vulneráveis, pessoas portadoras de deficiência, filhos, progenitores, idosos ou dependentes);
- acompanhamento de menores para em deslocações de curta duração, para fruição de momentos ao ar livre e frequência de estabelecimentos escolares nos casos excecionalmente permitidos;
- deslocações necessárias ao exercício da liberdade de imprensa;
- deslocações de curta duração para efeitos de atividade física, sendo proibido o exercício de atividade física coletiva;
- deslocações de curta duração para efeitos de passeio dos animais de companhia.

- É obrigatória a adoção do regime de teletrabalho sempre que as funções em causa o permitam;

- Determina-se o encerramento de certos tipos de instalações e estabelecimentos (como, por exemplo, os que se destinem a atividades recreativas, culturais, desportivas, e de restauração, entre outros), bem como a suspensão das atividades de comércio a retalho, com exceção daquelas que disponibilizam bens de primeira necessidade ou outros bens considerados essenciais na presente conjuntura;

- Determina-se que os estabelecimentos de comércio a retalho ou de prestação de serviços que mantenham a respetiva atividade devem observar um conjunto de regras de segurança e higiene;

- Proibe-se a realização de celebrações de cariz religioso e de outros eventos de culto que impliquem uma aglomeração de pessoas;

- Prevê-se que as pessoas com deficiência ou incapacidade, grávidas, pessoas acompanhadas de crianças de colo, profissionais de saúde ou outras pessoas que se encontrem numa situação de especial vulnerabilidade em virtude da COVID-19 devem ser atendidas com prioridade;

- Permite-se que os estabelecimentos que mantenham a respetiva atividade possam fixar horários específicos para o atendimento de pessoas idosas, grávidas, pessoas acompanhadas de crianças de colo, profissionais de saúde, elementos das forças e serviços de segurança, de proteção e socorro ou outras pessoas que se encontrem numa situação de especial vulnerabilidade;

- Prevê-se que os serviços públicos são prestados essencialmente através dos meios digitais, mantendo-se o atendimento presencial apenas por marcação para os serviços considerados essenciais.

São atribuídas competências aos membros do Governo responsáveis pelas áreas setoriais para concretizar medidas adicionais no âmbito do estado de emergência.

O Decreto aprovado entra em vigor às 00:00 de dia 22 de março.

Tags:

[coronavírus](#), [cidadania](#), [serviços essenciais](#), [forças de segurança](#), [administração pública](#), [estado de emergência](#)

< VOLTAR

Primeiro Ministro

Governo

Área de Governo

Comunicação

Notícias

Intervenções

Documentos

Comunicados

Portugal

Orçamento do Estado

OE 2022

OE 2021

OE 2020

Governos Anteriores

Redes Sociais

 Twitter

 Facebook

 LinkedIn

 Youtube

 Instagram

MAPA DO PORTAL
POLÍTICA DE PRIVACIDADE
AVISO LEGAL

© 2019 Governo da República Portuguesa

ÁREA RESERVADA

Siga-nos nas redes sociais



ANÚNCIOS ARTIGOS GERAIS GERAL NOTÍCIAS

TOMADAS DE POSIÇÃO

Comunicado sobre o Estado de Alerta [31/10/2021]

30 SETEMBRO, 2021 / SEM COMENTÁRIOS



Foram publicadas as seguintes disposições legais:

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS N.º 135-A/2021 DIÁRIO DA REPÚBLICA N.º 190/2021, 1.º SUPLEMENTO, SÉRIE I DE 2021-09-29
[<https://data.dre.pt/eli/resolconsmin/135-A/2021/09/29/p/dre>]

Altera as medidas no âmbito da situação de alerta

Privacy & Cookies Policy

DECRETO-LEI N.º 78-A/2021 – DIÁRIO DA REPÚBLICA N.º 190/2021, 1.º SUPLEMENTO, SÉRIE I DE 2021-09-29
[<https://data.dre.pt/eli/dec-lei/78-A/2021/09/29/p/dre>]

Alteram as medidas excecionais e temporárias relativas à pandemia da doença COVID-19

Estas medidas determinam que deixe de haver limitações de pessoas nos cultos e dispensam a aplicação de normas da DGS para as celebrações religiosas, conforme n.º 3 do art 10 da RCM 135-A/2021.

As máscaras mantêm-se obrigatórias, sempre que se possa considerar o culto equiparável a um evento cultural ou a salas de espetáculo, conforme alínea d) do art.13B do Decreto-Lei n.º 10-A/2020 [<https://data.dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/130243053/details/norl=1>], de 13 de março, com as recentes alterações, devendo a situação ser analisada consoante o caso, seguindo os demais critérios relativos à possibilidade de distanciamento, arejamento, quantidade de pessoas, circuitos de movimentação etc, no sentido de manter as máscaras quando ocorrer maior perigosidade de contágio.

A entrada nesta nova fase é uma grande alegria para todos, mas apesar de não haver tantas restrições recomendamos que haja bom senso na redução de medidas consoante o caso concreto da realidade de cada comunidade.

Privacy & Cookies Policy

ÁREA RESERVADA

Siga-nos nas redes sociais



GERAL NOTÍCIAS TOMADAS DE POSIÇÃO

Coronavírus – Recomendações/Palavras do Presidente da AEP

13 MARÇO, 2020 / SEM COMENTÁRIOS



A Aliança Evangélica Portuguesa continua a acompanhar a evolução da COVID-19. O conhecimento atual acerca do desenvolvimento desta doença é ainda parcial. A sua transmissão é, porém, muito rápida. Este é um tempo que exige medidas urgentes, tendo em vista o mitigar desta pandemia. Para além de todas as indicações sanitárias da Direção Geral de Saúde e das recomendações enviadas por nós anteriormente, recomendamos ao momento que:

1 – As igrejas e comunidades evangélicas não abram as suas portas para cultos e outras atividades durante, pelo menos, duas semanas. O uso da tecnologia poderá ser uma excelente ferramenta para, por exemplo, transmitir as celebrações, [gravar mensagens/pregações](#) e [Privacy & Cookies Policy](#)

disponibilizar online, partilhar conteúdos devocionais, estudos bíblicos e outros por email, redes sociais e afins.

2 – Em ambiente familiar, levemos a efeito o culto doméstico, procurando ensino na Palavra de Deus. Haverá tempo para orar e testemunhar da Graça de Deus.

3 – Procuremos interagir através do telefone ou das redes sociais, mantendo o contacto com irmãos e amigos. Em especial, com os mais idosos e vulneráveis, dando ânimo uns aos outros e auxiliando em questões práticas, se possível e necessário.

Informamos que, no próximo domingo, dia 15, pelas 17:15, iremos transmitir o programa “Caminhos”, na RTP2 sobre “Coronavírus: Considerações e Desafios”. Este programa conta com a participação do Pr. Jorge Humberto (anterior presidente da Aliança Evangélica e representante da AEP no Grupo de Trabalho Inter-Religioso Religiões e Saúde) e do Dr. Filipe Silva (Médico e Presidente da Associação Cristã Evangélica de Profissionais de Saúde de Portugal).

Sem alarmismo, sejamos prudentes face à situação atual. Que as nossas orações possam chegar até ao nosso Deus, como cheiro suave, lembrando os nossos governantes, os profissionais de saúde, e todos aqueles diretamente afetados por esta doença.

Lembremo-nos que a nossa esperança está em Deus, dando graças pela nova vida que temos em Jesus!

Pela Direção da Aliança Evangélica Portuguesa



Privacy & Cookies Policy

Covid-19: Aliança Evangélica e Igreja Lusitana apontam medidas de proteção nas cerimónias de culto

Atualidade Economia Desporto Vida Tecnologia Local Opinião Jornais

Notícias Lusa

🔍 ☰ Mais Menu ▾

Últimas Hoje o dia foi assim É Desta Que Leio Isto Acho Que Vais Gostar Disto Inovação & Startups

Eleições Americanas Regresso às aulas

A Aliança Evangélica Portuguesa emitiu, nas últimas horas, um conjunto de indicações aos seus membros, face ao surto de Covi-19, para serem seguidas nos cultos religiosos, como a desinfeção das mãos antes de entrarem nas salas de culto.



<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/covid-19-alianca-evangelica-e-igreja-lusitana-apontam-medidas-de-protecao-nas-cerimonias-de-culto>

1/3

Numa nota com nove pontos, divulgada na sua página do Facebook, a Aliança Evangélica dá conta de que, “até futuros desenvolvimentos da epidemia/pandemia” do novo coronavírus, propõe, além das recomendações da Direção-Geral da Saúde, que “à entrada de cada local de culto ou reunião haja dispensadores de solução alcoólica desinfetante para as mãos. Todos os participantes destas reuniões devem lavar/desinfetar as mãos antes de entrar na sala de culto e à saída”.

Fazer os cumprimentos sem beijos ou apertos de mão, a permanência no domicílio dos membros maiores de 65 anos e doentes imunodeprimidos, assistindo ao culto “através de transmissão on-line”, a existência de um registo interno de participantes em cada culto, tendo em vista a eventual comunicação às autoridades de saúde caso se verifique a presença de um eventual infetado, são algumas das recomendações da Aliança Evangélica.

Esta confissão religiosa defende, também, a utilização “de cálices individuais e que o pão servido na comunhão seja dado a cada um através do uso de luvas”, bem como que “o manuseamento das ofertas seja realizado com as mãos protegidas com luvas”, colocando também a possibilidade de utilização de MBway e transferência eletrónica.

Por fim, aconselha a que antes de “uma possível visita, seja feito um telefonema aos irmãos que estão doentes”, para aferir da conveniência de a mesma se realizar.

Também a Igreja Lusitana, de Comunhão Anglicana, deixou já aos seus fiéis um conjunto de indicações, pois “importa no atual contexto ser cauteloso, seguindo as orientações emanadas pela Direção Geral de Saúde, sem contudo cair em alarmismos desnecessários que só promovem um clima de medo, esse sim capaz de provocar ainda maiores danos para todos”.

Na sua página da Internet, a Comissão Executiva da Igreja Lusitana recomenda que, quanto à administração da comunhão, todos os que a administram “devem lavar as suas mãos ou usar um gel à base de álcool antes da preparação da mesa”.

A suspensão do uso do cálice comum pela comunidade, apenas sendo o mesmo usado pelo ministro que preside à eucaristia, a distribuição do pão consagrado na mão e nunca na boca do comungante são outras indicações deixadas pelos responsáveis da Igreja Lusitana, que também defendem que o sinal da paz não envolva contacto físico.

Na sua nota, esta confissão religiosa recomenda que sejam seguidas as indicações da Direção-Geral da Saúde.

“Como em tudo na vida, percebemos aqui também que o uso da nossa liberdade individual requer um forte sentido de responsabilidade e de cuidado para com os outros e a comunidade em geral”, justifica a Comissão Executiva da Igreja Lusitana.

Já no início da semana passada, a Igreja Católica, através da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), emitira um comunicado em que exortava ao cumprimento das “indicações e normas da Direção Geral de Saúde”.

“Como em situações semelhantes e em sintonia com outras conferências episcopais e dioceses, e para evitar situações de risco, recomendamos algumas medidas de prudência nas celebrações e espaços litúrgicos, como, por exemplo, a comunhão na mão, a comunhão por intinção [molhar a hóstia no vinho consagrado] dos sacerdotes concelebrantes, a omissão do gesto da paz e o não uso da água nas pias batismais”, acrescentava o comunicado do Conselho Permanente da CEP.

Portugal regista 30 casos confirmados de infeção, segundo o boletim mais recente da Direção-Geral da Saúde (DGS), divulgado no domingo.

Todos os infetados, 18 homens e 12 mulheres, estão hospitalizados.

A DGS comunicou também que 447 pessoas estão sob vigilância por contactos com infetados.

Face ao aumento de casos, o Governo ordenou a suspensão temporária de visitas em hospitais, lares e estabelecimentos prisionais na região Norte.

Foram também encerrados alguns estabelecimentos de ensino secundário e universitário no Norte, bem como duas escolas na Amadora e uma em Portimão.

Em Felgueiras e Lousada, foram encerrados ginásios, bibliotecas, piscinas e cinemas, além de todas as escolas.

Os residentes naqueles dois concelhos do distrito do Porto foram aconselhados a evitar deslocações desnecessárias.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, iniciou no domingo um período de isolamento de duas semanas em casa, depois de ter estado com alunos de uma escola de Felgueiras onde foi detetado um caso de infeção.

Apesar de não ter sintomas da doença, Marcelo Rebelo de Sousa, 71 anos, vai fazer hoje um teste ao Covid-19.

COVID19: Recomendação da AEP p/ espaços de culto [17/09/2021]

17 SETEMBRO, 2021 / SEM COMENTÁRIOS



Tendo em conta o estado atual da situação pandémica que ainda vivemos, damos muitas graças a Deus pela boa evolução que temos estado a viver e que se encontra refletida nos números diários. Sabemos que devemos continuar a orar e manter cuidados preventivos.

Tendo em conta as normas em vigor da DGS para os mais diversos setores, apesar de não existir uma norma atualizada específica para os locais de culto, a AEP recomenda que:

- Até outra indicação, a lotação das salas de culto seja de 75%

[Privacy & Cookies Policy](#)

- O uso de máscara seja obrigatório
- As mãos sejam desinfetadas com álcool gel na admissão dos espaços
- Seja mantida a comunicação sobre as medidas de segurança

Estes mesmos cuidados são recomendados para as salas adjacentes (como classes de crianças e afins).

Oramos pela liberdade de Culto que temos no nosso país e ao mesmo tempo pelo bom senso e segurança com a ajuda de todos!

Privacy & Cookies Policy

Estado de Emergência: como devem as igrejas atuar nos 191 concelhos em confinamento?

12 NOVEMBRO, 2020 / SEM COMENTÁRIOS



Na passada segunda-feira, dia 9 de novembro 2020, o país passou do estado de calamidade, para o estado de emergência com medidas de restrição mais apertadas, conforme já anunciado pelo Presidente da República e pelo Governo.

No que diz respeito aos nossos cultos presenciais, deverão ser realizados fora do período de confinamento, ou seja, durante a semana devemos evitar que as pessoas circulem depois das 23 horas e nos próximos dois fins de semana, nos dias 14, 15, 21 e 22 de novembro de 2020, que as pessoas circulem depois das 13h00. Pretende-se, assim, que os participantes possam circular sem constrangimentos.

[Privacy & Cookies Policy](#)

Assim, os nossos cultos continuam a poder realizar-se dentro das regras definidas pela DGS. (Podem ler-se **aqui** [<https://aliancaevangelica.pt/site/wp-content/uploads/2020/07/io26340.pdf>] as orientações da DGS para as celebrações religiosas de 29/05/20)

Quando, porém, terminar o culto, os crentes não podem ficar à porta a conversar uns com os outros, porque, finda a cerimónia religiosa, já se aplicam aos crentes as medidas que limitam o número de pessoas a grupos de 5.

Durante o período de confinamento, nos concelhos onde aplicado, conforme já referido, é expressamente permitida a circulação de ministros de culto que deverão ser portadores de uma declaração da igreja ou do cartão da Aliança Evangélica Portuguesa que os identifique como ministros de culto. A circulação de voluntários na preparação do culto deverá ser considerada como atividade equiparada à atividade profissional e à atividade de ministro de culto por ser indispensável à realização de todo o culto que se efetive por recurso aos meios disponíveis online, devendo os voluntários, igualmente, circular com uma declaração a atestar a necessidade da presença para a realização do culto.

Veja **aqui** [<http://aliancaevangelica.pt/declaracao-ministros-culto.docx>] a declaração de Ministros de Culto.

Veja **aqui** [<http://aliancaevangelica.pt/declaracao-voluntarios.docx>] a declaração de voluntários.

Acrescenta-se uma nota final para salientar que a liberdade religiosa não está legalmente limitada pelo estado de emergência, conforme comunicado da ordem dos advogados cujo link juntamos. Contudo, as igrejas deverão ser sensíveis aos riscos da pandemia respeitando ao máximo as orientações dos serviços públicos para proteção dos fiéis e da população em geral.

Privacy & Cookies Policy

Oremos pelas nossas autoridades, profissionais de saúde e por todos os outros que trabalham para que a nossa economia não pare e por todos os doentes e familiares que estão em sofrimento.

A Direção da Aliança Evangélica Portuguesa

Privacy & Cookies Policy

Igreja sem alterações às respetivas normas de segurança da DGS

11 SETEMBRO, 2020 / SEM COMENTÁRIOS



COMUNICADO AEP

11/09/2020

Igreja sem alterações às respetivas normas de segurança da DGS

Na próxima terça-feira, dia 15 de setembro 2020, o país passará do estado de alerta, para o estado de contingência com medidas de restrições mais apertadas conforme já anunciado pelo governo.

[Privacy & Cookies Policy](#)

No que diz respeito aos nossos cultos, não existe qualquer alteração, a não ser o cuidado na saída dos locais, para não ser feito em simultâneo nem criar grupos à entrada e saída.

Em todo o caso, desde o primeiro momento que recebemos as normas da DGS que contestamos a distância de 2m, entre outras medidas, que não foram acolhidas pela DGS, por esse motivo estamos em conversações para emitir um pedido conjunto de diversas entidades religiosas a solicitar a alteração de 2m para 1 metro de distanciamento entre pessoas individuais ou entre famílias o que corresponderá à distancia aproximada de duas cadeiras.

Assim os nossos cultos continuam a poder realizar-se dentro das regras definidas pela DGS. (Podem ler-se **aqui** [<https://aliancaevangelica.pt/site/wp-content/uploads/2020/07/i026340.pdf>] as orientações da DGS para as celebrações religiosas de 29/05/20)

Quando, porém, terminar o culto, os crentes não podem ficar à porta a conversar uns com os outros, porque finda a cerimónia religiosa já se aplicam aos crentes as medidas que limitam o número de pessoas a grupos de 10.

Queremos dar um apontamento especial em relação às atividades com crianças e jovens, para afirmar que as normas aplicáveis são exatamente as mesmas, pelo que nos casos em que as instalações não permitam a realização das atividades em simultâneo com o culto principal, sugere-se que as atividades com crianças e jovens sejam realizadas no espaço do culto em momentos que o culto principal não se esteja a realizar.

Damos graças a Deus por esta liberdade e pela proteção sobre nossas vidas e Igrejas, mas é tempo de continuar a orar!

Oremos para que o nosso Senhor possa continuar a proteger nossas igrejas, comunidades e ministros de culto que exercem funções de risco!

[Privacy & Cookies Policy](#)

Oremos para que Deus possa ter misericórdia da nossa nação!

Oremos pelas nossas autoridades, profissionais de saúde e todos os que trabalham para que a nossa economia não pare!

Que o Senhor abençoe nossa nação!

A Direção da Aliança Evangélica Portuguesa

[Privacy & Cookies Policy](#)

Portugal em Estado de Calamidade

15 OUTUBRO, 2020 / SEM COMENTÁRIOS



Comunicado Direção da AEP

Portugal em Estado de Calamidade

Portugal passou a partir das 08h00 do dia 15/10 a estar em estado de calamidade, devido ao agravamento do número de infeções diárias e do crescente número de pessoas internadas em hospitais.

A propósito, a AEP esclarece que:

1) As nossas condições para as Celebrações religiosas mantêm-se iguais.

[Privacy & Cookies Policy](#)

2) Devemos continuar a cumprir com todas as medidas de segurança estipuladas pela DGS (Clique **aqui** [<https://aliancaevangelica.pt/site/wp-content/uploads/2020/07/io26340.pdf>] para ver as diretrizes da DGS para os serviços religiosos de Maio de 2020)

3) A saída das reuniões nos recintos exteriores deve respeitar as novas regras de não se aglomerem em número superior a 5 pessoas e que usem sempre a máscara.

Não houve qualquer alteração aos cultos, exceto cerimónias como casamentos, em que o convívio familiar não pode ultrapassar as 50 pessoas.

Oremos por proteção e que o Senhor tenha misericórdia da nossa nação, proteja nossos ministros de culto, cristãos bem como todos aqueles que trabalham na linha da frente ao combate a esta pandemia.

[Privacy & Cookies Policy](#)

Tomada de Posição da AEP sobre uso de máscara e proibição de deslocação entre concelhos

28 OUTUBRO, 2020 / SEM COMENTÁRIOS



Foram publicados diplomas relevantes para o exercício de culto religioso em Portugal, que motivam a Aliança Evangélica Portuguesa a pronunciar-se e a tomar posição na defesa do direito constitucional fundamental de liberdade de culto e religião.

A Lei n.º 62-A/2020, de 27-10, veio estabelecer a imposição transitória da obrigatoriedade do uso de máscara em espaços públicos. A Aliança Evangélica Portuguesa, as Igrejas e comunidades suas associadas têm cumprido integral e escrupulosamente a legislação e as recomendações da Direção Geral da Saúde aplicáveis aos cultos religiosos, tendo igualmente promovido a sensibilização dos seus membros e da comunidade para a necessidade de serem observadas

[Privacy & Cookies Policy](#)

todas as medidas de proteção individual e coletiva, designadamente o uso de máscara ou viseira, o que tem sido aplicado nos espaços interiores dos locais de culto, a par das demais medidas de higienização e distanciamento. Em conformidade, as obrigações decorrentes da publicação da Lei n.º 62-A/2020 devem ser observadas também no exterior dos locais de culto, sem prejuízo das exceções consagradas na mesma Lei.

Quanto à Resolução do Conselho de Ministros n.º 89-A/2020, de 26-10, que determina a limitação de circulação entre diferentes concelhos do território continental no período entre as 00h00 de 30 de outubro e as 06h00 de dia 3 de novembro de 2020, a Aliança Evangélica expressa a sua profunda preocupação pela já apontada possível inconstitucionalidade das medidas constantes no diploma, aderindo às pronúncias que nesta matéria já foram vertidas por reputados constitucionalistas. Com efeito, o direito de deslocação, consagrado no art.º 44.º, n.º 1, da Constituição, constitui um direito fundamental do exercício de cidadania, pelo que atento o disposto no art.º 19.º, n.º 1, da mesma Constituição, não pode ser suspenso por ato conjunto ou separado dos órgãos de soberania, salvo em caso de estado de sítio ou de estado de emergência, declarados na forma prevista na Constituição, o que não sucede atualmente.

É entendimento da Aliança Evangélica Portuguesa que na obediência às autoridades, que constitui um princípio bíblico, não devem ser admitidas interpretações duvidosas e arbitrárias sobre o legítimo direito de deslocação para participação ou assistência de culto religioso, quando os cidadãos em causa residam em concelho distinto do local de culto, por ser passível de configurar a violação do direito constitucional plasmado no art.º 41.º, n.º 1, da Constituição, nos termos do qual a liberdade de consciência, religião e de culto é inviolável.

Sem prejuízo de se recomendar que sejam evitadas deslocações desnecessárias para fora do concelho habitual de residência, quando estas sejam realizadas para exercício da liberdade de culto e de religião, sugere-se que os ministros ou responsáveis dos locais de culto emitam e entreguem uma declaração aos membros que estejam em comunhão de celebração do culto, os quais a devem exibir às

[Privacy & Cookies Policy](#)

autoridades e forças de segurança para justificar a deslocação., dentro dos limites normativos aplicáveis.

Veja **aqui** [http://aliancaevangelica.pt/modelo_declaracao_aep.doc] a declaração.

Privacy & Cookies Policy

Anexo 24 - Quadro de recolha de dados

1. Igreja (Instalações, idade, membros)	
Entrevistado	Excerto
2. Estado da igreja Pre-covid (Membros, atividades, frequencias)	
Entrevistado	Excerto
3. Cerimónias Pre-covid (Que cerimónias eram realizadas e como (Presencial, online, misto))	
Entrevistado	Excerto
3. Visão pastoral Pre-covid (O que estava a acontecer antes da pandemia)	
Entrevistado	Excerto
4. Estado da igreja durante o covid (Membros, atividades, frequencias)	
Entrevistado	Excerto
5. Mudanças na igreja durante o covid (Cerimónias, alterações, medidas do governo)	
Entrevistado	Excerto
6. Pós-covid	
Entrevistado	Excerto
7. Impactos	
Entrevistado	Excerto

Guião Semiestruturado

Designação	Objetivos específicos	Questões
A – Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar a razão da entrevista; - Motivação; - Confidencialidade; - Autorização para gravação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicação do tema da tese; - Confirmar os requisitos para a entrevista; - Indicar os objetivos a alcançar com a entrevista; - Assegurar a confidencialidade; - Pedir autorização para a gravação; - Agradecer a colaboração.
B – Caracterização sociodemográfica do pastor	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever o perfil do líder que será entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - Sexo - Idade - Residência - Estado civil - Profissão - Início de pastorado
C – Caracterização da igreja	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever o perfil da igreja onde o pastor é líder 	<ul style="list-style-type: none"> - Em que ano foi fundada a igreja? - Quantos membros tem a igreja onde é pastor? - As instalações são próprias? São de origem da igreja?
D – Funcionamento da igreja antes do covid.	<ul style="list-style-type: none"> - Recolher informação sobre a igreja antes do covid; - Atividades; - Reuniões por semana; - Cerimónias; - Presenças nas atividades da igreja. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que tipo de atividade a igreja realizada em grupo antes da pandemia? - Quantas vezes por semana estavam juntos? - Que tipo de cerimónias tinham e como eram realizadas? Online? Presencial? Misto? - Em média, quantas pessoas estavam presentes nas cerimónias?

<p>E – Funcionamento da igreja durante o covid.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Saber se houve alterações nas atividades durante a pandemia; - Nova frequência de atividades durante covid; - Formato das atividades durante covid; - Mudanças na assistência durante covid. 	<ul style="list-style-type: none"> - As atividades que eram realizadas pré-covid sofreram alterações? Se sim quais? - Com a pandemia e com as medidas impostas pelo governo, com que frequência havia atividades? - E como eram realizadas? - Deparou-se com mudanças na assistência destas cerimónias?
<p>F – Funcionamento depois do covid</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Saber se houve alterações nas atividades após a pandemia; - Nova frequência de atividades após a pandemia; - Formato das atividades após a pandemia; - Mudanças na assistência após a pandemia. 	<ul style="list-style-type: none"> - As atividades que eram realizadas foram alteradas com o fim da pandemia? - Agora com a normalidade como estão as frequências nas atividades? - Como estão estas atividades a serem realizadas agora? - Qual a maior alteração notou na assistência?
<p>G – Impactos e mudanças depois do covid</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Saber o que os pastores acham que mais impactou a igreja depois da pandemia - Saber se tudo foram pontos negativos - Distinção entre mudanças positivas e negativas 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os maiores impactos que a igreja sofreu com a pandemia? - Acha que tudo foi negativo para a igreja em geral? - Se não foi tudo negativo, o que acha que melhorou? E como pode a igreja e pastores usar isso para tornar esse impacto mais positivo?